



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA – CCN  
CURSO DE ARQUEOLOGIA E CONSERVAÇÃO DE ARTE RUPESTRE

Francisca Regina Marques Passos

**ARQUEOLOGIA, HISTÓRIA E LUTA :**  
Os Tremembés, seus sítios arqueológicos, seus antepassados e sua terra

Teresina  
2013

Francisca Regina Marques Passos

**ARQUEOLOGIA, HISTÓRIA E LUTA :**

Os tremembés, seus sítios arqueológicos, seus antepassados e sua terra

Monografia apresentada à Universidade Federal do Piauí-UFPI, como requisito final para a conclusão do curso de Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre.  
Orientadora: Prof. Dra. Jóina Freitas Borges

Teresina  
2013

Francisca Regina Marques Passos

**ARQUEOLOGIA, HISTÓRIA E LUTA :**  
Os tremembés, seus sítios arqueológicos, seus antepassados e sua terra

APROVADA: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Jóina Freitas Borges  
(Orientadora)  
(UFPI)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Fabrícia de Oliveira Santos  
(UFPI)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Sônia Maria Campelo Magalhães  
(UFPI)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Jacionira Coêlho Silva  
(UFPI)

## Dedicatória

*Aos meus maiores exemplos, Genival e Francisca, meus pais, por todo apoio nessa longa trajetória, amo vocês...*

## **Agradecimentos**

*“Nas grandes batalhas da vida, o primeiro passo para a vitória é o desejo de vencer!”*

*(Mahatma Gandhi)*

Agradeço a Deus primeiramente, aos meus pais, Francisca e Genival que moldaram meu caráter, repassando seus valores, amo vocês.

Aos meus irmãos Leidijane e Lucas, por acreditarem em mim, mesmo em momentos, que nem eu mesma acreditava. Obrigada, em fim a toda a minha família, em especial ao meu esposo, Maurino por me aguentar nos momentos de tensão, e por esperar enquanto eu escrevia, essa vitória também é sua.

Aos meus queridos sobrinhos, Pedro Lucas, por me fazer esquecer os problemas, apenas com um sorriso, a minha linda Maria Eduarda, João Vitor, João Mateus, Kaillane, Sabrina, e agora a pequena Selena, amo vocês.

A minha orientadora e amiga Jóina Freitas, que sempre me ajudou em todo o processo, se não fosse por ela, eu não teria conseguido.

Agradeço também a todos os professores responsáveis pela minha formação, meu especial obrigada a Gisele Daltrini, Fabrícia Santos, Jacionira Coêlho, Sônia Campelo e Ana Clélia Correia.

Agradeço ao professor e amigo, Luis Carlos Cavalcante, por sempre ter me ajudado nas terríveis disciplinas de cálculos, dando sempre inúmeras chances e oportunidades, para quem não tinha tanta identificação com a disciplina, por isso o meu muito obrigada.

A minha amiga Luzia Leal, leal mesmo, pois, existem irmãos que são amigos, mas existem também amigos que são mais que irmãos, obrigada por tudo, por você estar na minha vida e fazer parte dela.

As minhas queridas Renata Prado e Larissa Moura, por me acalmarem quando estou muito nervosa, pelos momentos de descontração, adoro vocês.

Agradeço a todos os meus amigos que influenciaram direto ou indiretamente na minha formação, essa vitória também é de vocês: Eliane, Kátia, Jocielma, Breno, Paulo Muniz, Heliâne, Socorro, Rafaela, Roseane, Karlene, Alice e Letícia.

## Epígrafe

*Ser índio pra mim é saber dançar o Torem, é sentir o som de cada canto, é saber a sua história. Sentir a terra firme, saber viver nela carinhosamente.*

*Raimundinha Tremembé*

## Resumo

Desde o século XVII a etnia indígena tremembé habitava a costa norte brasileira. Em vários relatos são retratados como um povo guerreiro, que soube manter sua autonomia, realizando negociações com os estrangeiros que aportavam em suas praias, mantendo seus territórios nos primeiros séculos de colonização. Esses territórios hoje são marcados pela presença de inúmeros sítios arqueológicos, localizados á céu aberto, no qual um deles adquiriu significado especial para os tremembé da atualidade. O sítio das Duas Moitas é interpretado como pertencente á seus antepassados e “encantados” tremembés. Além desse valor espiritual, o sítio também e visto por eles, como um documento, que atesta a antiguidade do povo tremembé na área. Tal argumento é utilizado por eles como um elemento, uma maneira de defesa, contra os grupos latifundiários e das grandes empresas locais, frente à tomada de suas terras. A partir do exposto, foi realizado o reconhecimento da comunidade tremembé, a fim de ter uma melhor compreensão desse patrimônio para comunidade.

**Palavras-Chaves:** Tremembé. Sítio arqueológico. Patrimônio

## **Abstract**

Since the seventeenth century the indigenous ethnic group inhabiting Tremembé the northern Brazilian coast. In several reports are portrayed as a warrior people who know how to maintain their autonomy, conducting negotiations with foreign docked on its beaches, keeping their territory in the early centuries of colonization. These territories are marked today by the presence of numerous archaeological sites located will open, in which one of them has acquired special significance for Tremembé today. The site Of Duas Moitas is interpreted as belonging to their ancestors and will "enchanted" Tremembé. In addition to this spiritual value, and the site also seen by them as a document attesting to the antiquity Tremembé people in the area. This argument is used by them as a way an element of defense against large groups of landowners and local businesses forward to taking their land. From the foregoing, it was held community recognition Tremembé in order to have a better understanding of this heritage for community Tremembé.

**Keywords:** Tremembé. Archeological site. Heritage



## **Lista de imagens**

Foto 1: Mapa do litoral Piauiense.....	14
Foto 2: Carta de Pedro Apiano com a descrição “caniballes.....	16
Foto 3: Mapa da cidade de Itarema-CE.....	23
Foto4: Igreja de nossa senhora de Almofala parcialmente soterrada.....	24
Foto 5: Igreja de nossa senhora de Almofala reformada.....	25
Foto 6: Cesta Tremembé.....	29
Foto 7:Potes, esteiras e ornamentos.....	30
Foto 8: Colheres confeccionadas da casca do coco.....	30
Foto 9: Sitio da Lagoa do Toco e Das Duas Moitas.....	44
Foto 10: Sitio Das Duas Moitas.....	45
Foto 11: Lagoa da Batedeira (Luis de Barros).....	45

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	11
<b>1- Os tremembés ontem e hoje</b> .....	13
1.1 – Habitantes da costa .....	13
1.2 – Primeiras informações históricas sobre os “tapuias” do litoral .....	15
1.3 – Surgem os tremembés .....	17
1.4 - Os tremembés e o aldeamento .....	20
1.5 - Os tremembés atuais .....	21
1.6 - A cultura tremembé.....	26
<b>2 Memória e identidade do povo tremembé em relação aos sítios</b> .....	31
2.1 – Patrimônio arqueológico e patrimônio material.....	31
2.2 – Patrimônio material, memória, história e tradições .....	34
2.3 – Sítio das duas Moitas: Patrimônio vivo.....	38
<b>3 Sítio das duas Moitas, lugar do passado, lugar do sagrado?</b> .....	42
3.1 – O sítio das Duas Moitas .....	42
3.2 – Significados atribuídos ao sítio das Duas Moitas .....	46
3.3 – Medidas para a proteção do sítio, frente à especulação imobiliária.....	47
<b>Considerações Finais</b> .....	50
<b>Referências</b> .....	52
<b>Apêndices</b> .....	56
Apêndice- A Ofício .....	56
Apêndice-B Transcrição da 1º entrevista .....	57
Apêndice- C Transcrição da 2º entrevista .....	65
<b>Anexos</b> .....	69
Anexo-A Ficha de cadastramento do sítio das Duas Moitas .....	69
Anexo- B Ficha de cadastramento do sítio da Lagoa do Toco .....	73

## INTRODUÇÃO

Os Tremembé ocupantes antigos da costa norte brasileira, povoavam a maior parte do litoral que hoje corresponde aos estados do Ceará, Piauí e Maranhão. Atualmente esses espaços são cobertos pela presença de vestígios arqueológicos, os quais os tremembés atribuem significados especiais, pois, veem os sítios como importante espaço de ligação entre eles e seus antepassados, ao mesmo tempo em que consideram-nos como documentos, que comprovam sua antiguidade na área.

A Carta de Burra (2006, p. 2):

Reconhece a necessidade de se envolverem as pessoas nos processos de formação das desições, particularmente aquelas que tiveram fortes associações com um sítio. Pode se tratar do dono da loja da esquina, dos trabalhadores de uma fábrica ou dos guardiões comunitários de sítios com valor especial, que sejam de origem indígena ou europeia.

A partir desse principio pode ser perceber a importância da participação da população nos trabalhos relacionados aos sítios arqueológicos, pois através desse contato pode-se despertar na comunidade a importância que assume o patrimônio cultural, não sendo entendido dessa forma, como paralisando, congelado no tempo, pois, o patrimônio cultural evoca um passado vivo, de acontecimentos que são guardados na memória, porque são coletivamente importantes para os grupos (TOMAZ, 2010).

Essa importância coletiva é sentida pelos tremembés no que se relaciona com um dos seus sítios arqueológicos, denominado Sitio das Duas Moitas, ao qual é atribuindo caráter sagrado, pois, em visita ao lugar é comum os mesmos sentirem a presença de seus antepassados e encantados, portanto devendo ser respeitado, no entanto o sítio também possui significado prático, ao ser entendido por eles, como uma prova da antiguidade da presença tremembé nessa área, podendo dessa forma auxiliar na luta que a comunidade vem travando há anos para reaver suas terras usurpadas por grupos empresariais e deter o avanço, sobre as áreas que atualmente são ocupadas pela comunidade.

O presente trabalho busca através da aproximação com a comunidade, através de entrevistas, levantar dados sobre seu passado, para assim compreender a ligação entre a comunidade e o Sítio das Duas Moitas, para que se possa

descobrir dados sobre o seu passado, sem desrespeitar os significados atuais que aquele espaço adquiriu para a comunidade, pois como salienta a Carta de Burra art.15 IV: “[...] devem ser respeitadas as contribuições, de todos os aspectos do significado cultural, se um sítio incluir fábrica, usos, associações ou significados, de diferentes períodos ou de diferentes aspectos do significado cultural [...]”.

O trabalho foi realizado em três capítulos. No capítulo 1, fez-se um breve histórico sobre a ocupação costeira no Brasil, bem como o início das pesquisas arqueológicas no Piauí, até se chegar, às primeiras informações históricas sobre as populações nativas que habitaram a costa norte, os quais passaram a ser chamados de tremembés a partir do século XVII. Aborda a questão da etnogênese e do aldeamento dos tremembés no início do século XVIII ao redor da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Almofala, de onde foram expulsos posteriormente. Finaliza caracterizando os tremembés atuais, descrevendo sua cultura e suas tradições e o apego dos mesmos com o espaço onde se encontra a igreja, que possui um significado para a memória coletiva dos tremembés.

O capítulo 2 versa sobre os conceitos de patrimônio, cultura material e memória, descrevendo a importância dos sítios arqueológicos e seus significados atuais para continuação viva das culturas tradicionais.

O capítulo 3 faz a descrição sumária do Sítio Das Duas Moitas, descrevendo também os significados atribuídos ao sítio pela comunidade tremembé, bem como as medidas que devem ser tomadas em defesa da integridade não apenas dos valores atribuídos como também da própria integridade física do espaço.

O trabalho também traz como anexos as fichas de cadastramento dos sítios Das Duas Moitas e Lagoa do Toco, assim como os apêndices das entrevistas realizadas com os tremembés, e do ofício endereçado a superintendente do IPHAN no Ceará.

Enfim, o que se objetiva com esse trabalho é tornar esse patrimônio visível, para que dessa forma, possa vir à tona as memórias e as tradições dessa comunidade, para que se cheguem às tão almejadas informações sobre seu passado.

# 1 Os Tremembé ontem e hoje

## 1.1 Habitantes da costa

A costa brasileira foi intensamente ocupada desde períodos pré-históricos. Os grupos que a habitaram ao longo do tempo deixaram vestígios como testemunhos de sua presença, sendo os sambaquis um dos mais importantes registros desses povos. Os sambaquis são, segundo Gaspar (2000, p. 9):

[...] sítios caracterizados basicamente por terem uma elevação de forma arredondada que, em algumas regiões do Brasil, chegam a ter mais de 30 m de altura. São constituídos basicamente com restos faunísticos como conchas, ossos de peixes e mamíferos [...]

Inicialmente, os estudos relacionados aos sambaquis os caracterizavam como vestígios de sociedades de pouca complexidade social, caracterizando-os como lixões de populações pretéritas. Utilizando-se de várias argumentações, como a não possibilidade de habitação próxima aos amontoados de conchas devido ao mau cheiro, os estudos iniciais não percebiam que essas populações poderiam muito bem, estarem adaptadas ao ambiente, e esse mau cheiro poderia não ser interpretado dessa forma pelas populações sambaqueiras. Em contrapartida, pesquisas atuais vêm demonstrando que a cultura dessas populações costeiras não era tão simples.

A partir de 1990, houve grande impulso nos estudos dos sambaquis, ao considerá-los frutos de sociedades complexas com relações econômicas e hierárquicas, desse modo, a primeira interpretação dada aos sambaquis como meros lixões pré-históricos foi superada por uma nova interpretação na qual os amontoados de conchas são vistos como o resultado de ações cotidianas de populações de grande complexidade cultural, na medida em que deixaram para a posteridade vestígios de verdadeiros marcos paisagísticos, marcadores culturais de uma forma diferenciada de viver na costa, com uma economia voltada para pesca, coleta e caça de pequenos animais (GASPAR, 2000).

Em relação aos estudos no Piauí, desde 1970 são realizadas pesquisas arqueológicas na Serra da Capivara, no município de São Raimundo Nonato, pela arqueóloga Niéde Guidon, a qual realizou muitas descobertas, que atraíram grande

número de pesquisadores, inclusive internacionais, dando grande impulso à Arqueologia. Entretanto, esse grande foco sobre a Serra da Capivara, fez com que outras regiões com grande potencial arqueológico, como é o caso do litoral do Piauí, fossem relegadas a um segundo plano.

Esse panorama se modificou um pouco, a partir de 1995 quando o NEGH (Núcleo de Estudos Históricos Geográficos) encarregou-se de fazer o cadastramento dos sítios arqueológicos do litoral piauiense onde foram encontrados trinta e três sítios arqueológicos entre Cajueiro da Praia (PI) e Tutóia (MA) (FREITAS, 2011).

No que diz respeito às pesquisas na região litorânea, também devem ser citados os trabalhos do NAP (Núcleo de Antropologia Pré-Histórica), da Universidade Federal do Piauí que desde o ano 2000 vem desenvolvendo pesquisas acadêmicas, com alunos desenvolvendo seus TCC e PIBIC, estudando os sítios anteriormente cadastrados.

Foto 1: Mapa do litoral piauiense



Fonte: Google imagens 2011

A costa piauiense possui sessenta e seis quilômetros de litoral, os quais perpassam pelos municípios de Parnaíba, Luís Correia, Ilha Grande e Cajueiro da Praia. Essa região engloba unidades geológicas como: o embasamento cristalino,

evidente nos afloramentos graníticos em alguns pontos, além de compartimentos com sedimentos costeiros recentes da Formação Barreiras, do Quaternário. Em relação às feições geomorfológicas que se evidenciam na região, destacam-se as planícies flúvio-marinhas, mas conhecidas como praias, planícies lacustres que poderíamos citar como exemplo a do Portinho, Sobradinho, São Bento, Lago Grande do Buriti, dentre outras, há também as planícies fluviais que são desenvolvidas a partir das porções laterais dos cursos d'água que se originam da deposição dos sedimentos dos rios, essa região é rica em recursos hídricos, pois, é drenada pelas bacias litorâneas que deságuam diretamente no mar, portanto propiciando a formação de biomas variados (FERREIRA, 2012)

É nesse ambiente que se encontram inúmeros sítios arqueológicos, localizados a céu aberto, em ambientes à beira-mar, nas dunas, no mangue, estuários de rios e na restinga. Os sítios localizados em região dunar são caracterizados por intensa movimentação pós-deposicional, principalmente em virtude da ação eólica que desmonta as dunas, motivo pelo qual afloram os vestígios das populações pretéritas que povoaram a região, trazendo para o presente sinais da ocupação humana ocorrida no passado. A exemplo poder-se-ia citar o sítio arqueológico Seu Bode, situado no município de Luís Correa-PI, o qual, de acordo com Borges (2004, p. 21), “[...] fica localizado em uma área plana, entre dunas antigas e outras movediças e possui centenas de restos de moluscos e muitos fragmentos de cerâmicas espalhados pela superfície, além de instrumentos líticos [...]”.

Ao longo de anos de pesquisas na região litorânea do Piauí, Borges (2004; 2006), atribuiu uma das ocupações do sítio Seu Bode, no século XVII, aos índios tremembés não significando que o espaço, em tempos anteriores e posteriores não tenha sido ocupado por outros grupos.

Atualmente (Freitas, 2011) está dando continuidade aos trabalhos, analisando a cerâmica do sítio Seu Bode através de técnicas arqueométricas, desenvolvidas no seu mestrado, objetivando, por meio dos dados obtidos, conhecer mais sobre a cultura desses povos que povoaram o território piauiense.

## .2 Primeiras informações históricas sobre os “tapuias” do litoral

Segundo Borges (2010, p. 56), a primeira informação escrita que chegou aos nossos dias sobre os grupos que habitavam a costa norte brasileira pode ser atribuída ao cronista Pedro Mártir de Angleria, o qual descreveu a viagem de Yañez Pinzón, a serviço dos Reis Católicos, ocorrida em janeiro do ano de 1500 na costa norte brasileira.

Ao que tudo indica, as relações entre os portugueses e os nativos que povoavam a costa norte no início não foram das melhores, por isso as denominações dos europeus em relação às populações da costa norte muitas vezes se referiam a eles como povos selvagens. Um dos termos utilizados foi “canibais” nos primeiros mapas quinhentistas. Deve-se salientar, contudo, que muitas vezes tratava-se de uma estratégia utilizada para que o interesse nas terras do Brasil fosse aplacado, desestimulando o comércio clandestino que desde cedo começou a existir entre os nativos e os europeus<sup>1</sup> (BORGES, 2010).

. Foto 2: Carta de Pedro Apiano com a descrição “caniballes” na região setentrional



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

<sup>1</sup> A estratégia de propagação e generalização dos povos indígenas como canibais e tapuias bravos foi utilizada como uma forma de homogeneizar as populações indígenas. Tapuia é um termo generalizante, amplamente utilizado no Brasil, e em muitos casos são denominados dessa forma etnias indígenas totalmente diferentes entre si, sendo esse termo mais uma das maneiras de dominação.



Durante todo o século XVI as populações encontradas na costa setentrional brasileira, foram descritas, em documentos, mapas e cronistas como Gândavo (1575), Gabriel Soares de Sousa (1587), Yves D'Evreux (2002) e Abbeville (1614), como *tapuias*, um termo genérico que designava de forma pejorativa pelos tupis, aqueles que não falavam sua língua.

John Monteiro (2011) afirma que o colonizador reduziu as várias etnias existentes no Brasil a duas categorias genéricas: a dos tupis e dos tapuias, os primeiros eram vistos como mais civilizados, pois “cooperavam” com a Coroa Portuguesa, mas isso não significava que os portugueses os vissem como iguais, apenas eram vistos como mais domesticáveis que as demais etnias indígenas genericamente chamadas de tapuias, os quais eram mais vistos como mais “animais”.

Os portugueses utilizavam-se das diferenças entre as populações indígenas para acirrar conflitos que já eram comuns. No decorrer do processo de colonização, os europeus não só perceberam a existência de conflitos entre os diversos grupos indígenas, como, principalmente, fomentaram inimizades, com o objetivo de promover o enfraquecimento das sociedades indígenas, para a dominação ser efetivada<sup>2</sup>.

As inimizades entre as populações autóctones não devem ser vistas como se fossem constituídas atemporais. Deve-se salientar que as relações que existiam entre as populações indígenas foram intensamente alteradas com a presença do colonizador.

Vários deslocamentos importantes aconteceram em virtude da chegada dos colonizadores, segundo Borges (2010, p. 61):

A expansão tupi, que ao chegar às lindes litorâneas, empurrou alguns grupos indígenas para o interior, antes, durante e depois da chegada dos europeus. Alguns desses grupos vão provavelmente formar parte dos “tapuias do sertão” do Brasil, encontrados pelos colonizadores, de línguas bastante distinta do tupi; Já na costa norte os “tapuias” pescadores-coletores-caçadores, ainda estavam por lá na época da chegada dos adventícios.

---

<sup>2</sup> Deve ser observado, como afirma Celestino (2010) que as populações aborígenes constituíam “[...] alianças e embates primando pelo lado que fornecesse mais vantagens [...]”. Isso evidencia as articulações feitas pelas populações nativas, tendo que se adequar às situações que eram impostas para conseguir a sua sobrevivência.

O que se pode perceber é que diferentes grupos foram genericamente denominados tapuias, mesmo pertencendo a etnias completamente diferentes, sendo ora caracterizados como brandos e mansos, ora como bárbaros. O endocanibalismo observado entre esses povos muitas vezes lhes impingiu o nome de “selvagens”, sendo uma prática observada por vários cronistas. Gândavo (1575) informou:

“[...] tapuias não devoram inimigos. Comem os parentes doentes, que matam quando percebem que a doença se assenhorou deles, julgando que não há melhor agasalho para os entes queridos que suas próprias entranhas [...]”

### **1.3 Surgem os Tremembés**

Provavelmente as denominações utilizadas pelos tupis e europeus em relação a muitos povos indígenas não deixaram de ser assumidas por eles próprios, fato que ajudou a esconder autodenominações de muitos grupos espalhados pelo Brasil.

O nome Tremembé só passou a aparecer em crônicas e documentos coloniais a partir do início do século XVII. De acordo com o que sugere Borges (2010, p. 225), o termo Tremembé, numa mistura de português e tupi passou a significar “coisa do mangue”. Tendo sido criada provavelmente com um sentido depreciativo, para menosprezar o outro, acabou sendo assumida pelos indígenas da costa norte, tendo um caráter de diferenciação, para construir a alteridade entre os grupos tupis que avançavam com portugueses e franceses, em campos opostos, no litoral norte. Ainda conforme Borges (2010), provavelmente os tremembés se apropriaram dessa denominação atribuída pelos outros, e passaram a se organizar sob este etnônimo, surgindo, assim como tremembés no século XVII. Ou seja, tremembés é uma articulação e formação pós-contato, não significando que os grupos indígenas não existissem antes do contato, apenas passaram a se organizar sob essa denominação. Esse processo de surgimento de etnias é denominado de etnogênese.

Segundo Hill (1996:1):

“[...] termo etnogênese tem sido usado para designar diferentes processos sociais protagonizados pelos grupos étnicos. De modo

geral, a antropologia recorreu ao conceito para descrever o desenvolvimento, ao longo da história, das coletividades humanas que nomeamos grupos étnicos, na medida em que se percebem e são percebidas como formações distintas de outros agrupamentos por possuírem um patrimônio linguístico, social ou cultural que consideram ou é considerado exclusivo, ou seja, o conceito foi cunhado para dar conta do processo histórico de configuração de coletividades étnico como resultado de migrações, invasões, conquistas, fissões ou fusões [...]

Outro autor que trabalha com a mesma perspectiva é Bartolomé (2006, p.5) o qual explica, assim como Hill, que o termo etnogênese tem servido para designar diferentes processos sociais protagonizados pelos grupos étnicos, sendo também utilizados nos processos de emergência social, sendo um processo constante e dinâmico:

“[...] Na verdade, a etnogênese foi e é um processo histórico constante que reflete a dinâmica cultural e política das sociedades anteriores ou exteriores ao desenvolvimento dos Estados nacionais da atualidade. É o processo básico de configuração e estruturação da diversidade cultural humana. Suas raízes fundem-se nos milênios e projetam-se até o presente. Há centenas de milhares de anos, quando alguns dos membros de uma tradição caçadora, falantes de uma língua comum, migravam buscando novos horizontes, separavam-se tanto cultural quanto linguisticamente do grupo inicial a que pertenciam, dando lugar ao desenvolvimento de um novo tipo de coletividade social, linguística e cultural. Em muitas ocasiões, os novos âmbitos ecológicos a que chegavam condicionavam suas respostas culturais ao meio ambiente, levando a maiores especializações e, conseqüentemente, a diferenciações [...]”.

O conceito de etnogênese perpassa por estratégias políticas e culturais. As populações autóctones tiveram que se reinventar, ora se unindo a pequenos ou grandes grupos de etnias totalmente divergentes à qual pertenciam, ora se afastando estrategicamente, transformando, dessa forma, suas práticas sociais e econômicas, para que pudessem se adequar a nova ordem vigente, ou seja, ao processo de colonização.

Essas transformações se aplicam aos Tremembé, que surgiram no século XVII como um grupo organizado. Desse modo poderiam pertencer a um mesmo grupo étnico que estaria espalhado por toda a costa que atualmente corresponderiam aos estados do Ceará, Piauí e Maranhão ou poderiam pertencer, como coloca Borges (2010, p.78) “[...] Diferentes grupos de indígenas tapuias que

viviam basicamente da pesca, não possuíam agricultura, nem aldeias fixas e que não constituíam aquilo que se convencionou chamar de grupo étnico [...]”.

Os Tremembé viviam nas praias, sobrevivendo dos frutos que o mar lhes fornecia e através do comércio que os mesmos realizavam com os estrangeiros, como informa Berredo (1749 apud BORGES, 2010, p. 249):

Gentio de corso, porém tão inclinado à vivenda nas praias, que nunca sai delas. Sendo todos os índios americanos grandes nadadores, são os tremembés dentre todos eles os mais insignes. Porque sem outra embarcação, que a dos seus próprios braços, e quando muito uns pequenos remos, além de atravessarem muitas léguas de água, se conservam também em baixo dela por largos espaços, livres de recuos.

Os Tremembé são retratados e exaltados nos documentos como valentes guerreiros e exímios nadadores, destemidos pescadores de tubarão, como salienta o documento do início do século XVIII:

Nação dos chamados Tammambes q. são huns peixes racionais, pois a nado saem ao mar a pescar ou com arpões, e ainda com hum pao na mão expondo-se a fureza de hum tubarão esperando que ele abra a boca para o comer, lhe metem a mão com destreza levando hum pao de dois bicos que atravessando a boca do tal peixe o trazem para fora (GAMA apud BORGES, 2010, p. 255)

O documento narra a pesca artesanal realizada pelos índios tremembés, mostrando como eles se lançavam ao perigo, ao realizarem a pesca de animais ferozes, como o tubarão, peixe mais temido dos mares.

Assim, como pode ser percebido, as populações indígenas que ocuparam a costa Norte durante o século XVI e XVII receberam muitas denominações, canibais, tapuias e tremembés, e durante esse caminho tiveram, varias vezes, que se reinventar. Os papéis de “selvagens” e de gentio de paz eram assumidos de acordo com as circunstancias históricas: às vezes era melhor negociar, outras vezes era mais prudente afastar os adventícios (BORGES, 2010).

## 1.4 Os Tremembé e o Aldeamento

As tentativas de colonização da costa norte foram várias vezes boicotadas pelas populações indígenas que desejavam permanecer donas do seu território. Os tremembés mantiveram sua autonomia, espantando os portugueses da costa norte até o início do século XVIII. Foram descritos vários naufrágios de navios, emboscadas, e principalmente alianças com mercadores, principalmente franceses e holandeses, o que terminava por atrapalhar ainda mais as tentativas de colonização. Mas no início dos 1700 acabaram sucumbindo ao processo colonizador, sendo aldeados por padres seculares.

O padre da companhia de Jesus Assenso Gago enviou uma carta ao rei de Portugal, em que dizia ser conveniente realizar o aldeamento dos tremembés, fazendo a doação de terras que se situavam entre os rios Aracaty-Mirim e Timonha, situados na atual Almofala. O rei concedeu o pedido doando uma légua de terra além de ordenar ao governador do Maranhão que não incomodasse e nem retirasse esses índios dos lugares que eles escolheram para viver, caso contrário os brancos seriam punidos mediante a tomada de suas próprias terras (NASCIMENTO, 2009).

Segundo Valle (2005),

[...] esses aldeamentos foram realizados mediante a doação de semarias nos períodos entre 1724 a 1744 inclusive algumas se referem às terras como as terras da “missam do Tapuya Tramanbe” que posteriormente passou a ser chamada de “Missão de Nossa Senhora da Conceição dos Tremembé” essa missão foi consolidada, tornando-se uma freguesia de índios”.

Em 1760 na então administração do Marquês de Pombal foi estabelecido o Diretório dos Índios, transformando os aldeamentos em freguesias indígenas, devido à expulsão dos jesuítas do Brasil, o aldeamento então passou a ser chamado de Nossa Senhora da Conceição de Almofala (NASCIMENTO, 2001).

No ano de 1822 a Lei de Semarias foi extinta, dessa forma as terras dos aldeamentos passaram a ser devolutas, podendo ser ocupadas pela população que poderia ser de índios ou não-índios. No que se refere aos tremembés, foi decidido na assembleia provincial do Ceará que se respeitasse o aldeamento indígena de Almofala, garantindo a permanência dos índios na região. No entanto, em 1850, com a Lei de Terras, passou-se a considerar as terras referentes aos aldeamentos, não

totalmente ocupadas pelos índios como terras devolutas, podendo ser ocupadas em troca de pagamento de impostos pela população branca, se ocupadas pelos índios não poderiam ser ocupadas por outras populações e os mesmos estavam isentos de pagar impostos, alternativa pouco lucrativa para o governo, que no ano de 1860 passou afirmar que os aldeamentos indígenas foram extintos (NASCIMENTO, 2001).

Esse processo ocorreu em todas as regiões brasileiras, na tentativa de amalgamar os índios à população brasileira, e assim poder atestar o seu desaparecimento, que ocorreu apenas na história oficial, tendo em vista que atualmente os censos vem demonstrando o aumento das populações indígenas, devido, principalmente, o seu auto-reconhecimento, por diversos motivos: alguns por medo de preconceitos, outros por questões de sobrevivência. Estas foram algumas das razões pelas quais os tremembés, por muito tempo, tiveram que se negar como índios: para sobreviver às hostilidades dos posseiros que passaram a ocupar a região que por direito lhes pertence.

### **1.5 Os Tremembé atuais**

Atualmente Itarema é uma cidade cujo seu maior símbolo é a igreja de Nossa Senhora da Conceição de Almofala onde se situava o antigo aldeamento Tremembé, que por motivos naturais ficou despovoado entre os anos de 1897 a 1940, quando foi totalmente soterrado por dunas moveis, obrigando as populações indígenas a migrarem para outras regiões, onde tivessem melhores condições de sobrevivência, esse fato foi narrado pelo Cacique João Venâncio, o qual descreve como ocorreu o soterramento da igreja de Nossa Senhora da Conceição de Almofala (CABRAL, 2012):

[...] o pessoal que moravam ao redor [da igreja] era as famílias indígenas. E ai quando a duna foi chegando, foi imprensando o pessoal, o pessoal foi se mudando, se mudando iu se afastando, e o morro acompanhando, e ai quando descobriram, que o pessoal quisero voltar, ai já tava cheio de gente, o povo chegando de fora, naqueles tempos faltos, com a seca que deu por. Ai o pessoal arribaro, chegavo e se aboletavo, e ai foro ficando, ai começou a confusão da terra, a terra tomada. O pessoal já tinha tomado tudo e ai ficou a peleja né.

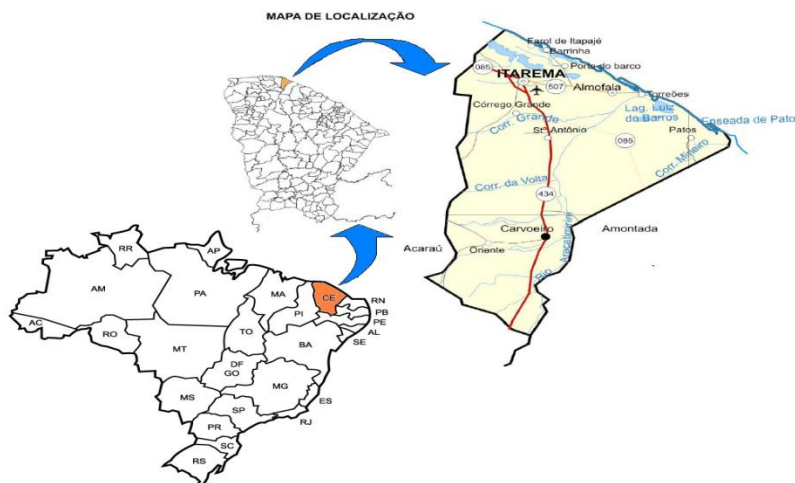
Conforme pode se observar, o Cacique João Venâncio, narrou por meio da tradição oral de experiências vividas e repassadas por seus antepassados, como se

deu o soterramento da igreja de Nossa Senhora de Almofala e a migração do povo tremembé, em virtude da movimentação dunar, que resultou no soterramento da igreja e o início dos conflitos com os posseiros “brancos”, pois após o desenterramento da mesma, realizado pelos próprios tremembés, houve muitos conflitos, pois, os posseiros que passaram a habitar as terras não aceitavam o retorno das populações nativas ao seu local de origem.

No fim do século XIX, desde que a igreja foi soterrada, os Tremembé passaram a residir em outras regiões, no entanto, quando as dunas começaram a se deslocar, quando os índios avistaram o topo da igreja emergindo do interior da areia, sentiram-se estimulados no trabalho de desenterramento, procedimento feito a partir de instrumentos como cuias provenientes de cascas de cocos, pás e muitas vezes com as próprias mãos, sendo interessante perceber que esse trabalho coletivo realizado pelos índios se constituiu em fato muito importante, pois está presente na memória coletiva atual.

Em 1940 os índios Tremembé retornaram para seu lugar de origem desde o período do aldeamento, mas, além de já existirem no local, pessoas externas ao aldeamento juntamente com eles começaram a mudar para a região, latifundiários, mais conhecidos no período como coronéis usurpando-lhes as terras. Pouco a pouco, os tremembés foram se afastando da cidade passando a habitar regiões mais periféricas, mas sempre unidos por um forte espírito de grupo que os caracteriza até os dias atuais.

Foto 3: Mapa da cidade de Itarema-CE.



Fonte: Google imagens

Foto 4: Igreja de nossa senhora de Almofala parcialmente soterrada



Fonte: ITAREMA É DEZ, 2013.



Foto 5: Igreja de nossa senhora de Almofala reformada



Fonte: ITAREMA É DEZ, 2013.

O processo de desapropriação das terras dos Tremembé teve início no mesmo período que eles retornaram para o seu lugar de origem, ou seja, no ano de 1940. Juntamente com eles mudaram para a região os diversos posseiros, que migraram de outras regiões do Ceará, isso se deu segundo Valle (2005, p. 5), “[...] até meados da década de 1980 [...]” quando “[...] não havia nenhuma atuação da FUNAI e de suas práticas indigenistas no Ceará [...]” Por longos anos as populações indígenas silenciaram frente ao processo de desapropriação dos seus bens, por medo de represálias e ameaças de morte, mas na década de 1980 os Tremembé de Almofala passaram a lutar pelo reconhecimento de sua identidade étnica, e para a delimitação de suas terras usurpadas, que posteriormente foram vendidas pelos posseiros para grupos empresariais, cujo mais representativo é a empresa Ducoco,

que nega terminantemente a existência de índios em Almofala (NASCIMENTO, 2001).

Os Tremembé desde a década de 1970 vem reivindicando seus direitos pela posse da terra, em conflito que teve início com a implantação da empresa agrícola Ducoco S/A, principalmente. A tomada dessas terras teve repercussão negativa em amplo sentido para os tremembés, na medida em que provocou grandes mudanças na vida da comunidade que antes vivia da caça, coleta de frutas e, sobretudo a pesca, e que teve seu ambiente modificado, pois, os invasores destruíram as matas, soterraram lagoas para tornar o espaço mais acessível, acabando por mudar totalmente o ambiente do qual a comunidade retirava seu sustento (CABRAL, 2012).

Ao longo dessa luta, os Tremembé sofreram abusos dos fazendeiros e de empresários usurpadores das terras indígenas, no entanto essa luta não foi em vão, pois, em 1993, os tremembés conseguiram que a FUNAI, os reconhecendo oficialmente como índios, aprovasse sua proposta de delimitação de suas terras, incluindo a área do antigo aldeamento e da igreja (NASCIMENTO, 2001).

Os Tremembés, atualmente, permanecem lutando, assim como os seus antepassados fizeram no passado. Lutam pela manutenção dos seus direitos, inclusive no diz respeito à devolução de suas terras usurpadas pela força e pela pressão de grupos latifundiários.

A liderança Diana, da aldeia de Varjota, relata a luta pela terra (CABRAL, 2012):

A luta pela terra, na região da mata, teve início quando o pessoal começou a cercar, começaram fazendo a desmatação, ai queriam que agente desocupasse esse pedaço de chão. Os mais velhos disseram que não desocupavam, e nos foi orientado que nós não disséssemos quem era o dono desta terra, se tivesse um documento comprovando quem era o dono desta terra, mas esse documento nunca foi entregue. Quando a firma [DUCOCO AGRICOLA S.A] foi se chegando, foi cercando tudo. E se juntaram os mais velhos, o Valdir meu marido, foi um deles, e foram negociar para que eles não cercarem tudo. Eles argumentaram que iam cercar, pois o pedaço que tinham comprado era muito chão, pegava toda essa parte. Os mais velhos pediram para deixar esse pedaço de chão que ainda hoje nós moramos.

Diana caracteriza como se deu a ocupação ilegal das terras Tremembé, deixando para a comunidade pequena parte do todo, muitas vezes utilizando-se de

violência como o massacre ocorrido na aldeia de Passagem Rasa em 1962, onde os índios foram emboscados por posseiros (CABRAL, 2012).

Esse tipo de represália fez com que a comunidade se sentisse ameaçada, passando por longo espaço de tempo sem se auto-identificar como índios, sendo este um meio de sobrevivência. No entanto, a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, a qual reconhece, no Cap. VIII, Art.231, § 1.º, 2.º e 4.º os direitos das populações indígenas esse panorama se modificou<sup>3</sup>.

Após o reconhecimento dos direitos dos povos indígenas através da Constituição Federal, os mesmos passaram a reivindicar ainda mais seus direitos perante a lei e dentre as várias etnias que lutam atualmente por seus direitos, está a etnia Tremembé, que se organizou politicamente através do CITA-Conselho Indígena Tremembé de Almofala, e hoje disputa, na Justiça Federal, a posse de suas terras, principalmente a região em que se encontra a igreja de Nossa Senhora de Almofala (CABRAL, 2012).

## **1.6 A cultura Tremembé**

Os Tremembés tiveram muito trabalho para serem reconhecidos como índios, talvez porque tenham conseguido manter menos aspectos de sua cultura tradicional, do que aqueles que alimentam o estereótipo do que é considerado como “índio” pelo senso comum. Mas muitas de suas tradições foram modificadas pelo tempo, aspecto comum a toda cultura, porém considerado impróprio por aqueles que acreditam que os “índios” deveriam permanecer imunes às mudanças culturais. Entre os

---

<sup>3</sup> Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

§ 1.º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, a imprescindível preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

§ 2.º As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes.

§ 4.º As terras que tratam esse artigo são inalienáveis e indisponíveis e os direitos sobre elas imprescritíveis.

tremembés a pesca, o artesanato, a agricultura e o principalmente *Torém*, que se constitui a mais singular de todas as suas manifestações culturais, ainda trazem muitos traços das tradições dos “índios antigos”, como eles dizem.

A dança do Torém teve início com os antepassados dos Tremembé e vem sendo repassada há gerações, significando muito para a comunidade, pois, foi através da dança e das músicas que conseguiram manter vivas, até os dias atuais, suas tradições. O Torém com o passar do tempo foi se modificando, inicialmente era apenas brincadeira, mas depois, devido aos acontecimentos mencionados ao longo do texto, tornou-se meio de denúncia contra os abusos sofridos pela comunidade. Atualmente o Torém pode ser considerado como um elemento de afirmação étnico e cultural, sendo praticado como ritual de manifestação da espiritualidade Tremembé, essa dança era vista e estudada anteriormente apenas como manifestação folclórica cujo seus participantes se constituíam de caboclos e descendentes de índios, a dança geralmente era apresentada em festas políticas, festejos relacionados à igreja, sendo bem visto pelos grupos dominantes como manifestação folclórica (VALLE, 2005)

Através da dança e das músicas eles repassam as lendas, o modo como viviam os seus ancestrais indígenas, ou seja, a cultura, que através de cantigas e danças repercute para as futuras gerações. A dança, antes tida como “folclórica” e assim apreciada pelos grupos dominantes, passou a ser desprezada, por ter atualmente cunho político e de denúncia.

Além do Torém a pesca foi e continua sendo uma atividade muito praticada pelos índios Tremembés que sempre tiveram contato íntimo com o mar, sendo descritos nos documentos como exímios nadadores, e peixes racionais, ou seja, o mar para os Tremembé possui sentido de identidade e de sobrevivência, como bem caracteriza o senhor Estevão Henrique (2013):

Eu com doze anos, eu já me lançava dentro do mar, marguiando, oía... marguiando, hoje não faço mais esse trabalho, ai foi subindo a era, foi subindo, foi subindo, chego meus dezoito anos, eu marguiava cum nove braços, oito braços de fundura, hoje eu não faço mais isso, mais eu fazia isso por capricho, marguiava oito braços de fundura, lá no mar, mas no mar você tem que descer com força e subir com força, se não você não sobe, se você for fraco das ideias você fica.

A pesca realizada atualmente por eles é artesanal, geralmente utilizando-se de anzóis e embarcações rudimentares chamadas de piquetes, colocando muitas vezes em risco a vida dos tripulantes, mas é através dessa pesca artesanal que os tremembés passam seus conhecimentos para as futuras gerações, ao mesmo tempo em que ganham a sobrevivência, ao retirar do mar, assim como seus antepassados, os recursos para viver.

Segundo Júnior (2007, p. 4),

Em Almofala, tal como ocorre em diversas comunidades pesqueiras, desde tenra idade os meninos se habitam a conviver com o mar e com os afazeres inerentes ao cotidiano da pesca. Frequentemente, os meninos Tremembés andam pela praia entre os pescadores, ajudam na hora do desembarque, levando os peixes, as redes, os anzóis, linhas ou qualquer outro instrumento que possam carregar. Os meninos falam com desenvoltura os nomes dos peixes e do material da pescaria. É comum vê-los ocupando as embarcações ancoradas, alguns empunhando linhas e anzóis, começando a exercitar a arte da pesca.

É dessa forma que as crianças se familiarizam com a atividade pesqueira que é repassada de geração para geração aprendendo com seus avós, pais, tios. Outra atividade que distingue os tremembés da população de Itarema é o artesanato realizado pelas mulheres, que confeccionam cestas, cuias, maracás, cocares, sendo produzidos com a matéria prima que o ambiente lhes fornece, em sua maioria são feitos em madeira ou da casca do coco, as plumagens são retiradas dos animais.

Foto 6: Cesta Tremembé



PASSOS, 2013

Foto 7: Potes, esteiras e ornamentos



Fonte: PASSOS, 2013

Foto 8: colheres confeccionadas da casca do coco



Fonte: PASSOS, 2013

A agricultura é realizada de modo tradicional, onde se planta apenas para a subsistência, cultivando a mandioca, feijão, arroz, batata doce, banana, coco, melancia dentre outros gêneros, assim como ressalta Estevão Henrique (2013):

[...] nois planta a mandioca que é pra fazer nossa farinha, nois planta o feijão, nois planta o milho, nois planta a simenti do jirimum, nois planta a simenti da cabaça, justamente, pratasmente da cabaça que nois fazia o raso de carregar água, que era a cabaça né, tudo é agricultura [...].

Atualmente, nas áreas em que residem os tremembés existem sítios arqueológicos, possuindo, assim, registros da cultura material dos antigos indígenas, os quais eles consideram como pertencendo a seus antepassados. Possuindo dessa forma uma ligação de pertencimento entre eles e seus ancestrais, mas essa relação deve ser vista, como imagens de um passado vivo, fatos e coisas que são mantidos na memória coletiva e individual desse povo, não apenas pela cultura material que os mesmos atribuem a seus antepassados, mas pelo significado que o espaço possui atualmente para a comunidade. O patrimônio cultural dos povos visto por esse prisma não deve ser percebido como parado, congelado, mas por sua continuidade e significância atual.

## **2 Vestígios do dia-a-dia, memórias dos antepassados: Passado revisitado**

### **2.1 Patrimônio arqueológico e patrimônio material**

As pesquisas arqueológicas realizadas inicialmente no Brasil assim como em diversas partes do mundo, possuíam em sua maioria interesse de colecionismo, não havendo a preocupação na interpretação dos bens culturais, muitas vezes apenas admirados por sua beleza, no entanto esse panorama de ênfase na beleza dos artefatos em detrimento de sua significância vem se modificando, pois, os artefatos, ou seja, a cultura material passou a ser interpretada, por meio da memória dos grupos, possibilitando a interpretação dos objetos antes inertes, mais que atuam hoje, como agentes interativos e participativos na vida sociocultural, assim como afirma Meneses (1998, p.91):

Naturalmente, os traços materialmente inscritos nos artefatos orientam leituras que permitem inferências diretas e imediatas sobre um semi-número de esferas de fenômenos. Assim a matéria prima, seu processamento e técnicas de fabricação, bem como a morfologia do artefato, os sinais de uso, os indícios de diversas durações, e assim por diante, selam, no objeto, informações materialmente observáveis sobre a natureza e propriedade dos materiais, a especificidade do saber-fazer envolvido, e da divisão técnica do trabalho e suas divisões operacionais essenciais os aspectos funcionais e semânticos- base empírica que justifica a inferência de dados essenciais sobre a organização econômica, social e simbólica da existência social e histórica do objeto.

A preocupação inicial com o patrimônio girava em torno dos bens materiais, principalmente aos que dizem respeito à arquitetura, não inserindo nesse momento o patrimônio imaterial dos povos. No entanto, em 1960 surgiram às primeiras políticas públicas relacionadas ao patrimônio cultural na América latina, tendo como reflexo o reconhecimento dos bens culturais latino-americanos como bens da humanidade.

A UNESCO define como patrimônio imaterial, todas as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas juntamente com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados, que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.



Houve, desde então, grande mobilização para o reconhecimento do patrimônio imaterial, e cada vez mais se chega à conclusão que o patrimônio material não possui nenhum valor sem a significância cultural. No Brasil o cumprimento de disposições presentes nas cartas patrimoniais é complexo, devido às grandes extensões territoriais e as diferenças regionais, podendo ser afirmado que as políticas públicas realizadas no Brasil, no que diz respeito ao patrimônio arqueológico e sua conservação, são pouco aplicadas.

A Constituição Federal promulgada em 1988 ampliou a noção de patrimônio, assim como está exposto no art. 216 onde afirma que:

Se constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência a identidade, ação e memória, dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira nos quais se incluem: as formas de expressão, o modo de criar, fazer e viver, as criações artísticas, científicas e tecnológicas, as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais, conjuntos urbanos e sítios de valor histórico e paisagístico, artístico, paleontológico, arqueológico, ecológico e científico.

Mas o que deve ser percebido é que, mesmo com essa ampliação da noção e conscientização do patrimônio e conseqüentemente da noção do patrimônio arqueológico, é relativamente pouca a atuação participativa dos grupos envolvidos nas políticas de conservação, sendo este um dos principais problemas enfrentados para a preservação do patrimônio arqueológico, pois, a não monumentalidade do patrimônio, muitas vezes associados às populações indígenas, desencadeou o esquecimento por muito tempo dos bens arqueológicos, que fazem parte da cultura de um povo.

São vários os problemas relacionados ao reconhecimento do patrimônio no Brasil, o mais gritante é sem dúvida a falta de esclarecimento da comunidade sobre a importância da preservação do patrimônio que só se dará por meio do conhecimento popular, caminho seguido por vários países, a exemplo poderíamos citar o México que se empenha na educação principalmente no que se relaciona a memória do seu povo (LEMOS 1981).

O primeiro passo rumo à preservação desse patrimônio consiste em torna-lo visível, pois, por não possuir grandes edificações como as ruínas da cultura grega ou até mesmos as riquezas materiais dos artefatos dos Maias e Incas, acabam

muitas vezes passando despercebidos, estando assim mais sujeitos a degradação e a não participação em programas de preservação, pois, só se preserva, ama e cuida o que se conhece. Essa valoração e apego ao lugar são sentidos pelos tremembés atuais, aproximando-os dos seus antepassados e das experiências vividas, principalmente através da oralidade e memória dos mais velhos, os quais, repassando seu modo de viver, forneceram subsídios para valorizar, além da cultura material presente nos sítios, seu patrimônio imaterial assim como coloca o art. 26. III Carta de Burra onde diz que:

Deve ser dada a oportunidade aos grupos que tenham associação com o sítio, bem como os que estão envolvidos em sua gestão, para contribuírem e participarem na compreensão do significado cultural e quando for apropriado participar de sua conservação e gestão.

Sendo dessa forma de grande importância a participação da comunidade em torno da tomada de decisões no que se refere à percepção e a construção do passado e do sentido de lugar, dessa forma, a participação da comunidade não é apenas entendida como uma resposta social das autoridades governamentais, mas uma verdadeira aplicação de ideias incluindo todos os setores da comunidade, sem nenhum tipo de exclusão (MOLINARI e FERRARO, 2012).

Sempre os gestores responsáveis pelo Sítio devem respeitar os significados que a comunidade atribui ao espaço, para que não haja conflitos entre a comunidade e gestores, como o ocorrido no Sítio de Patrimônio mundial, Parque Nacional da Cultura Chaco (CCNHP), Novo México, no qual as autoridades responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio, inicialmente mostraram-se interessadas na consulta e participação das atuais populações indígenas Navarro nos trabalhos de conservação, cujos ancestrais viviam na região desde o século XVI e princípios do XVII. No entanto em 1980 um grupo chamado New Age, passou a reclamar o direito de realizar rituais sagrados dentro do sítio, dessa forma as autoridades de gestão estavam numa situação conflituosa, pois, não sabiam qual cultura priorizavam quesito complicado, pois o mesmo espaço poderia ter sido ocupado no passado pelos dois grupos e até mesmo por outros (POULIOS, 2012).

Devido a esse impasse as autoridades de gestão decidiram proibir as cerimônias religiosas para ambos os grupos, isto foi feito no intuito de proteger o sítio arqueológico como patrimônio da humanidade, mas as autoridades de gestão

do patrimônio violaram a importância desse espaço para as populações indígenas, pois para os gestores o sítio é patrimônio da humanidade, mas para as populações indígenas nesse caso, trata-se de sua história e de suas vivências, e a proibição de quaisquer práticas culturais sejam elas do que for, se constitui em violência, ao negar aos povos o direito de se expressar, pois, a conservação não se resume a materialidade presente no sítio, mas também a carga imaterial que o mesmo possui, pelos significados que lhe são atribuídos, e a proibição de tais manifestações faz com que se perca a cultura imaterial desses povos.

A situação dos tremembés pode ser comparada com o da cultura Chaco, pois um dos seus sítios, por exemplo, possui também uma importância religiosa, de ligação entre eles e seus antepassados, portanto devendo ser respeitada, pois, os tremembés veem o sítio como pertencendo ao seu patrimônio, acreditando que o espaço em que se encontra foi ocupado por seus ascendentes. A valoração de espaços passados é um dos critérios bem salientados pela carta de Burra (1999, p.04).

[...] Os sítios com significados culturais enriquecem a vida das pessoas, proporcionando muitas vezes, um profundo e inspirador sentido de ligação à comunidade e à paisagem, ao passado e as experiências vividas. São registros históricos que se tornam importantes como expressões tangíveis da identidade. Os sítios com significado cultural refletem a diversidade de nossas comunidades, dizendo-nos quem somos, e qual foi o passado que nos formou [...]

## **2.2 Patrimônio material, memória, história, tradições**

Segundo Tomaz (2010, p.7)

[...] o que torna um bem dotado de valor patrimonial é a atribuição de sentidos ou de significados que tal bem possui para determinado grupo social justificando assim sua preservação. É necessário compreender que os múltiplos bens possuem significados diferentes, dependendo do seu contexto histórico, do tempo e momento em que estejam inseridos. Seus significados também variam, de acordo com os diferentes grupos econômicos, sociais e culturais, embora em muitos aspectos o contexto possa ser o mesmo [...].

Até relativamente pouco tempo, os historiadores e arqueólogos estudavam os participantes da história à distância, apenas através da mediação da documentação

escrita principalmente oficial. Mais recentemente, a evidência oral transformou os “objetos” de estudos em “sujeitos”, contribuindo para uma construção da história mais viva e comovente. Nesse sentido, para Thompson (2002) a História Oral pode servir como importante ferramenta em se tratando de acionar repertórios que podem nos aproximar do cotidiano de quem vivenciou os fatos diretamente ou por tabela, além de fornecer informações ausentes em outros tipos de fontes, essas interpretações se dão principalmente pela memória dos antepassados que passam seus conhecimentos e sua cultura de geração á geração.

O século XIX foi marcado pela grande valorização da fonte documental, ao ponto de receber status de verdade absoluta, dando grande ênfase aos grandes fatos e acontecimentos, ou seja, a história dos grandes nomes, a história dos vencedores, que foram os que deixaram o maior número de registros para os arqueólogos e historiadores, para os primeiros grandes edifícios e artefatos colossais, vastas documentações escritas como também fontes iconográficas como os quadros, que nem sempre retratam a realidade, isso ocasionou a escrita de uma história burguesa, que nem sempre retratava a história como ela realmente ocorreu, já para os segundos restaram pequenos resquícios de artefatos para serem interpretados e que por muito tempo foram invisíveis principalmente devido ao fato de estarem na maioria das vezes associados a história e a cultura indígena, sendo interpretados como menos importantes.

Esse panorama de ênfase na documentação escrita e nos grandes acontecimentos, atualmente vem sendo modificado, pois, os documentos passaram a ser questionados e o que antes era visto como verdade absoluta pelo fato de estar escrito, atualmente já não possui o mesmo status, pois, muitos documentos podem ser falsificados ou até mesmo passar informações erradas, portanto no que acreditar em um documento escrito ou no que meus olhos estão vendo?

Marc Bloch afirma que:

Seria uma grande ilusão imaginar que a cada problema histórico corresponde a um tipo único de documentos, especializado para esse uso... Que historiador das religiões que se contentaria em consultar os tratados de teologia ou as recolhas de hinos? Ele sabe bem que sobre as crenças e as sensibilidades mortas, as imagens pintadas e esculpidas nas paredes dos santuários, a disposição e o mobiliário das tumbas, têm pelo menos tanto para lhe dizer quanto muitos escritos (BLOCH *apud* LEITÃO, 1994, p.540).

A afirmação acima não desqualifica a utilização dos documentos, pois, são imprescindíveis para a construção histórica, no entanto, através do uso de outras fontes como imagens, artefatos, cacos cerâmicos, pode se chegar a informações valiosas sobre a vida do homem que não se pode encontrar em documentos, e às vezes cacos dizem muito mais sobre o que o homem foi, do que uma documentação escrita.

Segundo Ribeiro (1985) a cultura material é um veículo a partir dos quais os grupos sociais constroem e expressam mensagens sobre o modo de pensar e de viver, ou seja, através da cultura material os povos exteriorizam seu modo de vida, possibilitando seu estudo e interpretação, que está relacionado com a memória da sociedade que as produziu, representando as práticas sociais dos grupos, sendo a memória critério importante, pois, é através dela que os indivíduos fixam os acontecimentos importantes para memória individual e coletiva.

Por isso, o que se intenta hoje, é uma parceria entre a comunidade e gestores do patrimônio, para que através de suas memórias e do contexto arqueológico, fazer o silêncio dos vestígios falar, possibilitando repensar os sítios arqueológicos como espaços onde os indivíduos recriam suas identidades, encontrando no lugar que é o sítio arqueológico os espaços perdidos, ou seja, a identidade de um povo, pois um bem só é preservado, de acordo com o valor que lhe é atribuído pela comunidade, e essa significância se dá através das histórias repassadas pela tradição, trazendo pra a atualidade a história dos indivíduos, e o que antes eram apenas cacos se converte por meio do valor atribuído em patrimônio.

As tradições e práticas dos povos podem ser repassadas através de histórias ou até mesmo por meio de canções, forma bastante comum de se perpetuar histórias, a exemplo poderíamos citar novamente o Torem manifestação cultural dos índios Tremembé, na qual através de danças e canções descrevem as tradições dos seus antepassados, sendo praticado até os dias atuais, sendo descrito com riqueza de detalhes por Dona Maria Júlia (CABRAL, 2012):

Ah, o Torém eu alcancei foi na porta da igreja, eles fazio uma coisa bonita, um rei começarra a cantar, o rei Zé Miguel, e os outro acompanharra a tia calata, a Geralda Mila, muiê do Chico Mila... começarra na porta da igreja e ia fazendo rolta até acolá e roltaro fazendo rolta também, era bonito pois eu digo porque ri, alcancei. A roupa deles era de algodão não tinha esse negocio de pano fino não. Agora o cocar de pena tinha, mas a roupa era de algodão, bem comprida, era moça era homi, era menino, era uma coisa bonito

mermo nesse tempo... alguns porque não sabem... Pois eu já digo dessas coisa bonitas porque ri, alcancei nesse tempo fazia as coisas tudo junto... mas não sabia que era Tremembé, fazia tudo, mais ninguém dizia que era Tremembé cumode o porro, todo mundo junto, era um porro só. A Chica da Lagoa Seca era do meio da dança, dançarra. Purque sabia, podia ter onde tiresse ela tarra no meio, gostar memo da dança. Nesse tempo ria muita gente de fora pra rer, era o dirirtimento do porro era uma dança tão bonita que darra rontade de dança e mermo. Se juntava o povo daquele lado todo (Lado da praia) pra radiar. Era a brincadeira que se tinha, fora da missa, era o intirtimento que tinha.

De acordo com o depoimento de Dona Maria Júlia que narra como se dava anteriormente a dança do Torém, pode se ter acesso a história dos Tremembé, quando dona Júlia afirma sem perceber o seguinte trecho “[...] mas não sabia que era tremembé, fazia tudo, mais ninguém dizia que era tremembé cumode o porro [...]”, Dona Júlia se refere a um período em que a etnia tremembé teve que se negar índios para sobreviver as pressões dos grupos latifundiários que invadiam a região, sendo a dança do Torém uma forma dos mesmos se reunirem mantendo suas práticas até os dias atuais, principalmente no que se relaciona ao espírito de grupo, valorizando assim seu patrimônio cultural.

Assim como varias outras manifestações culturais o Torem passou ao longo do tempo por diversas mudanças, pois, os rituais não permanecem iguais, sofrendo metamorfose, pois os índios se apropriam de determinadas práticas externas, que acabam transformando a cultura indígena em uma cultura mista devido às apropriações de práticas dos não índios, assim como salienta Molinari e Ferraro (2012, p. 46, tradução nossa):

[...] Esta ideia de apropriação remete a um amplo conjunto de problemas etnográficos- canibalismos, práticas guerreiras e onomásticas e isonômicas aquisição de ornamentos e matérias primas, difusão de rituais, sistema de intercâmbio de técnicas, itens da cultura material, etc. De modo geral, ao tema mítico da aquisição da própria cultura, isto é, do aparato e da prática que definem a vida propriamente humana, como a cozinha, os nomes próprios, as plantas cultivadas e etc. Junto a outros seres (animais e espíritos). Baixo o término apropriação, se resume assim uma quantidade de processo e modalidades de aquisição de itens (materiais e imateriais) que aparecem como veículos de propriedades, atributos e potenciais alógenas [...]<sup>4</sup>

---

<sup>5</sup>[...] Esta Idea de apropiación remite a um amplo conjunto de problemas etnográficos – canibalismos, prácticas guerreras y chamánicas, onomásticas e exonómicas adquisición de ornamentos y matérias primas, difusión de rituales, sistema de intercambio de técnicas, items de cultura material, etc- e de

Dessa forma o que pode ser observado, é a mobilidade cultural, que se dá inevitavelmente, quando há o contato de grupos diferentes, as populações indígenas, se apropriaram de muitas práticas do não índio adaptando-as a sua realidade, estas apropriações são vistas como movimentos essenciais para a constituição e diferenciação de entidades e identidades étnicas, (MOLINARE e FERRARO, 2012).

### **2.3 Sítios duas Moitas: Patrimônio vivo**

O sítio das Moitas, o qual os tremembés de Almofala atribuem significados especiais se constitui em patrimônio vivo, que segundo Paulios é (2012, p.24):

[...] Um sítio que matem suas funções originais, como pode observar sua continuamente nos processos de sua definição e disposição espacial, e respostas para circunstanciais sociais a nível local, nacional e internacional [...].<sup>5</sup>

Os sítios de patrimônio vivo se caracterizam por sua continuidade e função, que no caso específico do sítio das Moitas, a função atribuída é de cunho religioso e sagrado. Outro atributo que caracteriza sítios de patrimônio vivo é a presença física da comunidade no sítio, sendo plausível o entendimento de que os sítios de patrimônio vivo devem ser respeitados e preservados, pois, o valor do sítio não se encontra apenas na cultura material presente nele, mas nos valores que os grupos lhe atribuem, procurando dessa forma não efetuar cortes temporais, pois, muitas vezes na ânsia de preservar os objetos pertencentes ao passado de forma “autêntica” acaba-se perdendo características e informações culturais importantes, pois, o passado não está desarticulado do presente, e determinados apegos e rituais que atualmente ocorrem em sítios arqueológicos, são continuidades culturais, que em alguns casos são proibidos em função da “preservação” violentando assim os grupos que atribuem significados a determinados sítios arqueológicos.

---

modo general, ao tema mítico de la adquisición de La propia cultura, esto es, del aparato y de las prácticas que definen La vida propiamente humana, como La cocina, los nombres propios, las plantas cultivadas etc., junto a otros seres (animales, espíritus). Bajo o término apropiación, se reúne así una cantidad de procesos y modalidades de adquisición de items (materiales e inmateriales) que aparecen como vehículos de propiedades, atributos y potencias alógenas [...].

<sup>6</sup> “[...] Um sítio que mantiene sus funciones originales, como puede observarse continuamente em los procesos de su definición y disposición espacial, respuesta a las cambiantes circunstancias sociales a nivel local, nacional e internacional [...]”.

Ioannis Poullos afirma que nos sítios de patrimônio vivo:

A ênfase não se vincula ao material ou aos elementos da materialidade, desses sítios ou aos objetos, como tão pouco a antiguidade da estrutura, do tipo de material ou da estrutura em si mesma. (2012, p. 27).<sup>6</sup>

Frente essa problemática, atualmente tem se discutido possíveis soluções para a preservação de sítios de patrimônio vivo, tendo em vista que os mesmos não podem ser preservados através de enfoques baseado em valores, pois, o enfoque baseado em valores, está ancorado no corte temporal, ou seja, na descontinuidade dos materiais que pertencem ao passado e os grupos do presente, havendo uma grande preocupação na preservação dos objetos e sua autenticidade, sendo assim esse tipo de enfoque não pode ser usado em sítios de patrimônio vivo, pois, os mesmos estão em processo de continuidade de sua função original, que são alimentadas pelas práticas realizadas pela comunidade, nas quais os materiais físicos são partes inseparáveis do processo e o passado sendo parte integrante do presente (POULIOS, 2012).

Muitas vezes o que se pode perceber é que o enfoque baseado em valores acaba por excluir a comunidade e suas associações com o sítio, na medida em que não consideram essa relação, concentrando-se em demasia na materialidade dos objetos, que segundo Poullos (2012, p.28), se dá devido a noção de que “[...] a autenticidade dos sítios é não renovável por essa razão, está fortemente concentrada no material e nos elementos da materialidade[...]”.<sup>7</sup>

Com essa discussão não se intenta desvalorizar a cultura material, pelo contrário, pois é por meio dela que se pode chegar à cultura imaterial de um povo, por meio de conexões entre os objetos e seus autores permitindo releituras, pois, os artefatos trazem marcas bem específicas, mas, no entanto o apego exacerbado em relação aos bens materiais presente nos sítios acaba muitas vezes, tendo consequências desagradáveis, tanto para os gestores que trabalham com conservação, quanto para a comunidade que atribui significados para o espaço,

---

<sup>7</sup> El énfasis no se vincula a lo material o a lós elementos de La materialidad de esos sítios u objetos, como tampoco a la antigüedad de La estructura, Del tipo de material o de La estructura em si misma (2012, p. 27).

<sup>8</sup> “[...] la autenticidad de lós sítios es no-renovable y por esta razón, está fuertemente concentrada em ló material y em lós elementos de La materialidad [...]”.



muitas vezes sendo privadas da continuidade das suas práticas e rituais em prol da conservação do passado.

Essa busca constante pela autenticidade física dos materiais presente nos sítio não é tão sentida no enfoque de patrimônio vivo, que se baseia no presente associando-se a cultura imaterial dos povos, para que dessa maneira haja a continuação do processo de criação e recriação do sítio pela comunidade, e que a proteção que deve ser dada a todo sítio arqueológico se dê dentro desse processo de criação (POULIOS, 2012).

Ao entender o patrimônio dos tremembés por esse enfoque, não se deverá colocar os elementos constitutivos do Sítio das Moitas á frente das práticas e tradições culturais da comunidade, pois os artefatos são resultados dessas práticas, que em muitos casos são contínuas, estando o sítio assim sempre em processo de criação, ou seja, vivo, onde caberia um questionamento:

Os arqueólogos e os outros estudiosos das culturas aborígenes passados e contemporâneos, deveriam se perguntar a si mesmo o que é mais importante à preservação de uns poucos vestígios de um passado recente ou a continuação ativa de uma cultura viva (BOOWDLER apud POULIOS, 2012, p.32).<sup>8</sup>

A continuação viva de uma cultura é extremamente importante, pois, as manifestações atuais de certas práticas dizem muito sobre o passado do homem, mesmo que ao longo do tempo passe por reelaborações, sempre conserva suas características, por isso a importância da valorização de uma cultura viva, onde os artefatos são apenas vestígios produzidos por ela.

Diante disso o que deve ser percebido é a importância da continuidade dessas práticas, pois, por meio delas podemos obter informações dos povos que habitaram o espaço no qual se encontra o sítio arqueológico, e que as práticas culturais dizem imensamente mais sobre o que fomos e o que somos, do que meros objetos mudos que sem o contexto não significam nada, como exemplo poderíamos citar a comunidade indígena tremembé que atribui a um dos seus sítios arqueológicos valor como um importante espaço para seus antepassados, sendo

---

<sup>9</sup> Los arqueólogos y otros estudiosos de las culturas aborígenes, pasado o contemporâneos, deberían preguntarse a sí mismos qué es más importante la preservación de unos pocos vestigios de un pasado reciente, o la continuación activa de una cultura viva (BOOWDLER apud POULIOS, 2012, p.32).

comum a visita em grupo ao lugar, devido ao forte sentimento de pertencimento que existe entre comunidade em relação ao espaço onde se encontra o sítio.

Dessa forma, observa-se que através das histórias da vida dos indivíduos podemos chegar bem fundo em suas emoções e em seus sentimentos, e que na maioria das vezes o que está em perigo e o que deve ser preservado, não é uma edificação ou um sítio arqueológico objeto de estudo desse trabalho, mais emoções e sentimentos que foram sentidos e vividos por seus antepassados, e por eles atualmente, possuindo assim uma grande significância.

Os tremembés reconhecem o Sítio das Duas Moitas como patrimônio, mas para que ocorra a preservação desse sítio e suas práticas é necessário que haja o reconhecimento desse bem patrimonial, que passou a se visível por meio das vivências e experiências dos povos, que no caso específico dos tremembés é motivo de orgulho e identidade por isso devendo ser preservado.

### **3 Sítio das Duas Moitas: Lugar do passado, lugar do sagrado?**

#### **3.1 O Sítio das Duas moitas**

Os Tremembé ocupavam a costa norte brasileira, povoando a maior parte do litoral que hoje corresponde aos estados do Ceará, Piauí e Maranhão. Esses territórios, hoje são marcados pela presença de numerosos sítios arqueológicos, localizados a céu aberto em ambientes praianos ou próximo a eles, apresentando intensa movimentação dunar, o que faz aflorar os vestígios das populações pretéritas que povoaram a região, trazendo para o presente a ocupação humana que o espaço teve no passado (BORGES, 2010).

Em Almofala, localidade do município de Itarema, Ceará, os Tremembé relataram sobre uma visita que fizeram a um dos seus sítios arqueológicos, denominado Sítio das Duas Moitas, no qual vários índios sentiram a presença de seus ancestrais e ficaram em transe, como se estivessem recebendo “entidades” espirituais. Como explicação, a comunidade atribuiu ao sítio, valor como um importante espaço para seus antepassados, dando ao lugar caráter religioso devendo assim, ser respeitado.

Em visita a aldeia Tremembé de Passagem Rasa foi detectada a existência de um campo com potencial amplo e diversificado para a realização de estudos originais que podem ser desenvolvidos, pois, suscitou vários questionamentos na comunidade, principalmente sobre sua identidade e seus antepassados, os quais decorrem de um dos principais princípios de conservação presentes na carta de Burra: art. 24. II “[...] devem ser respeitados os significados relevantes de um sítio incluindo os valores espirituais, que devem ser investigados para reavivamento desses significados [...]”.

Ana Cristina Cabral, mais conhecida como Cristina Tremembé, foi uma das pessoas que passaram pela experiência de transe ocorrida no Sítio das duas Moitas, narrando-o da seguinte forma (2013):

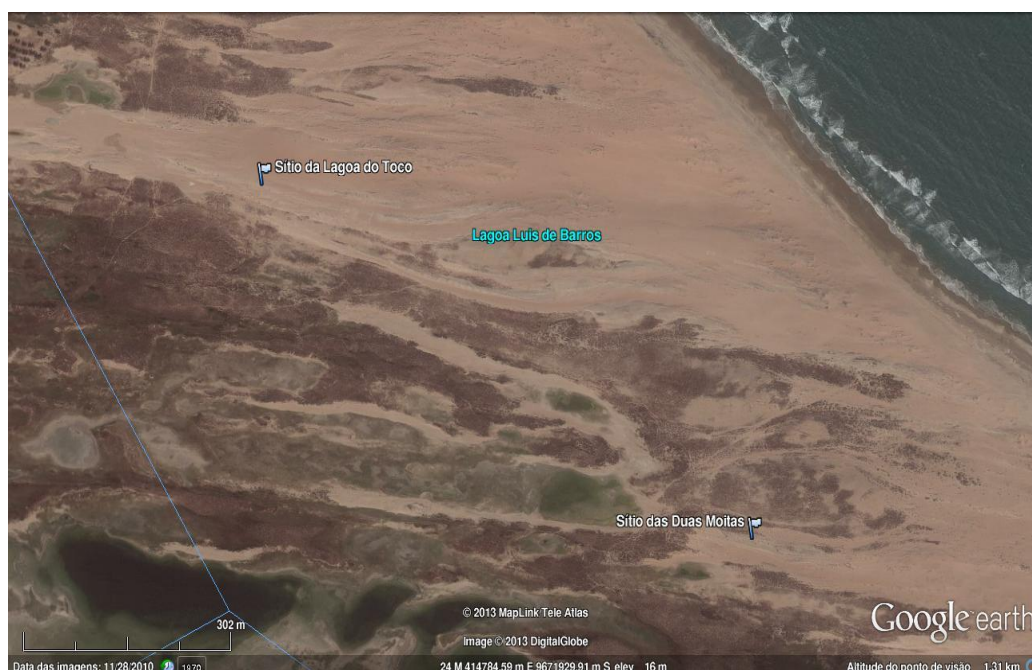
[...] É porque é assim, um sítio arqueológico é considerado por nois Tremembé, um lugar sagrado né, e como é esse lugar sagrado, agente considera como morada dos nossos mais velhos né, dos índios antigos, dos primeiros Tremembé que povoaram esse aldeamento né, por que assim, por exemplo o sítio arqueológico que o tio Estevão chama de Duas Moitas, porque ele tá situado entre

duas moitas, desde a primeira vez que ele viu, ele avista duas moitas e o sítio no meio. Né, e ai o sítio, é onde tem vários vestígios, que agente sabe, sente quando visita que é Tremembé né. A gente já encontrô lá, que muitas vezes as pessoas não vê, lagoa que quando agente chega no momento, alguns vejam outros não vejam, por isso é sagrado, por esse momento né, por essa visão que nois Tremembé tem, muitas pessoas de fora não veja, não vejam cacos que agente vejam, não veja, nos já vimos dente, restos de dentes de pessoas né, de seres humanos, lagoas, morrinhos pequenos que as pessoas não vejam, nós Tremembé vamos lá, a gente senti isso né, e muitas vezes agente chega até a desmaiar por isso, porque é um lugar de encantados, e muitos de nós né, senti essa presença dos encantados né [...]

Desse modo a realização de pesquisas na área é de grande importância, para compreender essas relações dos tremembés, com um dos sítios arqueológicos, visando um meio de intervenção no sítio, já que os próprios índios sentem a necessidade de compreender o lugar.

O Sítio das Duas Moitas, assim como outros sítios litorâneos, está localizado num corredor eólico, vegetação de restinga rala, situando-se entre dunas móveis, fixas e semifixas, podendo dessa maneira pela dinâmica dos ventos, encobrir os registros presentes no sítio, tais como cerâmica, artefatos líticos e materiais malacológicos. A região possui ecossistemas diversificados e abundância de água, estando situado á uma distância de 500 m do mar e a 400 m de uma lagoa chamada Batedeira, ou seja, água doce, critério essencial para fixação humana.

Foto 9: Sitio da lagoa do toco e Das duas Moitas



Fonte: Google

Foto 10: Sitio Das Duas Moitas



Fonte: PASSOS, 2013

Foto 11: Lagoa da Batedeira (Luis de Barros)



Fonte: PASSOS, 2013

O Sítio das Duas Moitas localiza-se sobre dunas, devido a isso, os vestígios encontrados tais como: cerâmicas e líticos estão expostos a degradação natural e antrópica, dessa forma devendo ser estudado o mais rápido possível, pois, esses agentes de degradação podem destruir os artefatos presente no sítio e junto com eles os significados culturais, dos povos que habitaram o lugar, pois os sítios do litoral podem ser encoberto pelas dunas, assim como ocorreu com o Sítio da Lagoa do Toco, que se encontra bem próximo ao sítio Das Duas Moitas, que corre o mesmo perigo

O senhor Estevão Henrique, foi uma das primeiras pessoas a ter acesso ao espaço, percebendo-o como morada dos seus antepassados, caracterizando o sítio da seguinte maneira (2013):

Pra noís você sabe cuma era, era uma moradia, uma aldeia, ali aonde os índios como se diz se arrancharam, eu calculei que ali era um depositu, tá entendeno? Como que fosse um barreiro, daí imassaram aquele barro, para fazer aquela cultura.

Como podem ser percebido, os Tremembé se mostram preocupados com a integridade do sítio arqueológico, não só apenas devido aos registros que o sítio possui, como também das marcas culturais que podem se perder, por ações naturais e antrópicas, pois atualmente o lugar em que se encontra o sítio ainda possui marcas das quais a comunidade se identifica, assim como salienta Ana Cristina Cabral (2013):

Ai assim, ele é um lugar muito importante, porque agente sabe que foi a vivencia dos nossos antepassados, ele retrata hoje a vida de muitos Tremembés, de antigamente né, porque quando agente encontra lá assim uns pedaço de caco que agente percebe que era o jeito que eles faziam a alimentação.

Por isso, devido essa grande significância que o espaço onde se encontra o sítio representa para a comunidade Tremembé, é necessário, portanto, procurar conciliar o desejo da comunidade para que se aprofundem as pesquisas arqueológicas no local, e que por meio destas, possam se descobrir dados sobre seu passado, ao mesmo tempo em que se respeite a importância religiosa que o lugar possui, de ligação entre eles e seus encantados e antepassados, o mesmo deve ser respeitado enquanto espaço sagrado.

Nos estudos realizados até o momento, percebe-se o vínculo espiritual entre os tremembés e esse sítio em especial, no entanto, também se pode perceber que

além dessa ligação espiritual, o sítio também possui significados atuais, como a comprovação da presença bem recuada dos tremembés na área, critério muito importante para a manutenção dos seus direitos, principalmente no que se relaciona à posse da terra.

Essa comprovação, que os Tremembé ocupavam aquelas terras, há centenas de anos, está presente na memória coletiva da comunidade, pois eles necessitam atualmente comprovar sua identidade por muito tempo encoberta, e o sítio arqueológico das Duas Moitas significa para os tremembés, como coloca Thomaz (2010, p.2)

Ao se contemplar um espaço de relevância histórica, esse espaço evoca lembranças de um passado que, mesmo remoto, é capaz de produzir sentimentos e sensações que parecem fazer reviver momentos e fatos ali vividos que fundamentam e explicam a realidade presente. Essa memória pode ser despertada através de lugares e edificações, e de monumentos que, em sua materialidade, são capazes de fazer rememorar a forma de vida daqueles que no passado deles se utilizaram. Cada edificação, portanto, carrega em si não apenas o material de que é composto, mas toda uma gama de significados e vivências ali experimentados.

É dessa forma que os grupos definem seu lugar, é nessa busca pelo passado e pelo sentido de pertencimento que os grupos poder chegar a um caminho comum, e assim escrever e reescrever sua história (THOMAZ, 2010).

### **3.2 Significados atribuídos ao Sítio das Duas Moitas**

O Sítio das Duas Moitas, como já foi dito anteriormente possui significado religioso para a comunidade Tremembé, no entanto além do significado religioso o Sítio também é interpretado como um documento que comprova a presença dos antigos tremembés na área, sendo dessa forma critério importante para a manutenção dos seus direitos, assim como informa o senhor Estevão Henrique (2013):

[...] Ai eu cheguei até lá, cheguei lá, aqui não é coisa de sete cabeça não, isso aqui é bem de raiz, isso aqui é um documento, isso aqui rapaz vai servir pra nós, e depois se nós sair, desocupar a terra fica prus nossos filhos, prus nossos netos, é uma coisa de bem de raiz né, aqui é como se diz, aqui é um mapa, isso aqui não se acaba, a duna entope e ela mesma desentope, e é a mesma localidade, não

se acaba nunca. Ai eu tive pensando ai,correu a história que aquele pedaço de chão ia se assaltado, ai doze horas me levantei, o sol tava pra cá, no sonho eu vi a figura dela (professora Jóina) ai falô com o cumpadi Baby, se não queria falar pra senhora, que eu tinha achado esse rapaz lá, então só quem podia tumar chegada lá era ela, por que eu não sabia donde tava esse IPHAN, eu sei lá donde mora esse IPHAN né [...]

O senhor Estevão, discorrendo sobre a importância do espaço onde se encontra o sítio arqueológico, e da necessidade de cadastrar o sítio junto ao IPHAN, pois dessa forma o sítio estará protegido por lei, não podendo ser feita nenhuma intervenção por pessoas externas, sem que antes haja um estudo prévio.

Podendo também ser percebido a dificuldade de comunicação entre a comunidade e os gestores do patrimônio, isso fica bem claro, quando o senhor Estevão diz: “por que eu não sabia donde tava esse IPHAN, eu sei lá donde mora esse IPHAN”, esse é um dos principais problemas para a proteção dos sítios arqueológicos, pois, muitas vezes as pessoas mais interessadas na sua preservação e continuidade, não possuem um conhecimento amplo sobre as medidas que devem ser tomadas para a proteção e manutenção dos sítios arqueológicos, e seus respectivos significados.

### **3.3 Medidas para a proteção do Sítio, frente à especulação imobiliária.**

As terras onde reside a comunidade Tremembé sempre foram cobiçadas, inicialmente pelos portugueses que desejam colonizar a região, mas sempre terminando em malogro, após o aldeamento os índios Tremembé passaram a residir nos arredores da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Almofala, posteriormente como já foi salientado, a Igreja foi encoberta pelas dunas, obrigando as populações indígenas a migrarem para outras regiões em busca de melhores condições de sobrevivência, no entanto quando a Igreja foi desenterrada inclusive pelos próprios índios, o espaço passou a ser ocupado por várias famílias externas ao aldeamento, o que causou conflitos que se perpetuam até os dias atuais.

A região onde se localiza Almofala, cidade litorânea é alvo de grande especulação imobiliária, principalmente no que se relaciona com o turismo, recentemente nos foi colocado um problema, a possível construção de orla na praia próxima ao sítio arqueológico das Moitas assim a liderança Ana Cristina narra o fato:



[...] nois Tremembé né e o tie Estevão como mais velho, que conhece agente já conseguiu levar a Sonia né, conseguiu levar o Clebe, conseguiu levar outras pessoas, só que assim, nunca teve um estudo, agente corre o risco de outras pessoas de fora, como lá é um espaço muito bonito, as pessoas virem á matar aquele espaço. Porque na última vez que nois tava lá, tava um pessoal de fora, que nois não descubriu de onde eles eram andando de bugre bem pertim, agente tava num espaço pequeno, e eles passando bem pertim, e segundo as informações, é que há uma vontade de fazer hotel naquele espaço, e o lugar é muito lindo né, porque assim dum lado tem a mata, tem o morro e em seguida tem a praia, é um lugar muito cobiçado, com certeza alguém vai tá com esse olhar de ganância para se apoderar daquele espaço, e fazendo um estudo vai melhorar, porque aí as pessoas vão respeitar né, esse espaço, não vão mais acabar com aquilo ali. O tio Estevão disse também que quando ele começo a andar lá era bem maior, agora já tá menor, o morro já conseguiu tapar uma parte e assim, não foi feito um estudo pra comprovar a idade, daquilo ali tudo, ai era interessante que fizesse né [...]

Esse depoimento deixa claro que a construção de orlas nessa região, provocará impactos na área que se encontra o sítio, sendo perceptível o desejo dos Tremembé de que se faça um estudo no sítio arqueológico em questão, pois, dessa forma poderia se dar uma maior visibilidade dessa cultura por muito tempo encoberta.

Esse estudo também é importante para os tremembés como uma forma de confirmação de que realmente aquele espaço, foi ocupado por seus antepassados. Por isso, devido a grande significância que os tremembés atribuem ao Sítio das Moitas, além dos critérios que se deve ter com todos os sítios arqueológicos deve ser dado, em quaisquer trabalhos que se venham a realizar em seus sítios, um especial cuidado com os artefatos e vestígios encontrados no sítio, pois, depois da intervenção não há como retroceder, e mesmo assim a intervenção só deve ser feita em último caso, por motivos de estudos, ou para a obtenção de evidencias do que já foi perdido, procurando perturbar o mínimo possível do sítio para que não haja o desaparecimento dos significados culturais.

Sobre isso a liderança Ana Cristina Cabral colocou (2013):

[...] dá pra tirar alguma coisa, porque tá espalhado né, e dá pra tirar, fazer um estudo pra garantir, vai ter que cavar porque tem uma parte que o morro cubriu né, e vai ter que puxar a areia né. Ai é assim muitas coisas vão sair do lugar, mais não vai deixar de ser o nosso lugar né, ai é importante ter esse estudo, ai né pra poder fazer o estudo, pra poder dizer pra gente que é isso mesmo. Porque eu achasse interessante fazer o estudo porque, pras pessoas que dizem que não, não existe Tremembé ni Almofala é lenda, como muitos

aqui no município de Itarema, é tendo então o estudo, também vai provar isso, que Tremembé não é lenda, que lá naquele espaço, moro Tremembé, lá existiu um grupo, que hoje ele não tá lá, mais tá aqui os frutos para continuar essa guerra ai [...]

Mostra a importância da participação da comunidade nos trabalhos arqueológicos, pois, muitas vezes é através dela, que os gestores tomam conhecimento da existência dos sítios arqueológicos, por isso tomou-se medidas de esclarecimento frente à comunidade, sobre o processo que sofre o espaço nos trabalhos arqueológicos, tendo em vista que arqueologia, na busca de informações de como era o ambiente e as pessoas que viviam nele no passado, acabam por descaracterizar o ambiente atual, mas como foi percebido, a comunidade não se opõe que sejam tomadas as medidas necessárias para que se chegue nas tão almejadas respostas, relacionadas aos seus antepassados, principalmente no tocante a idade dos artefatos que o sítio possui, tendo em vista que, essa é uma maneira de comprovar a antiguidade dos povos tremembés na área, fato propositalmente encoberto, se constituindo dessa forma em defesa em prol dos interesses tremembés, que há muito tempo lutam para reaverem grandes extensões de terra, que lhes foram tomadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Sítio das Duas Moitas por se localizar no litoral, entre dunas, está muito sujeito a alterações tanto de ordem natural como humana, fazendo-se necessárias intervenções para resguardar e preservar os significados culturais, presentes no sítio, que segundo Tomaz (2010, p.5):

[...] Deve ter por finalidade conservar traços da vida comum, quotidiana, e mostrar como vivia a comunidade em determinada época, pois o que tende a ser conservado sempre será o objeto considerado valioso, seja pelo valor do material de que é composto, seja por sua herança histórica ligada uma personalidade ilustre e por isso mesmo dominadora. A edificação de bens materiais deve ter por objeto edificações que tenham um significado coletivo para determinada comunidade, pois, se perpetua a memória de uma sociedade preservando-se os espaços utilizados por ela na construção de sua história [...]

É essa forma de preservação do patrimônio que se intenta despertar na comunidade Tremembé de Almofala, uma preservação onde não se realize apenas um grande apego a materialidade dos objetos, mas também à imaterialidade, para assim construir o passado dessa comunidade.

O presente trabalho possibilitou o desenvolvimento inicial da compreensão das relações dos índios tremembés com o Sítio das duas Moitas. A partir das entrevistas realizadas com a comunidade pode-se perceber as relações entre a memória social e o patrimônio arqueológico, que além de ser sagrado, pois, eles entendem o espaço como pertencente a seus antepassados, também possui caráter de denúncia e afirmação étnica, já que ainda possuem a necessidade de se auto afirmarem como comunidade indígena, pois, a sociedade na qual eles estão inseridos, negam a existência de índios no Ceará, fato propositalmente encoberto. Além do que, a questão da demarcação de suas terras torna premente quaisquer medidas de proteção sobre seu espaço.

Dessa forma para analisar essas relações, deve-se primeiramente estudar etnograficamente as relações entre a comunidade, que residem no entorno ou próximo ao sítio, para que se possa entender a dinâmica dessas relações, para só posteriormente propor uma forma de intervenção no sitio das Duas Moitas (BEZERRA, 2011).

Acredita-se que a metodologia mais apropriada para trabalhar essas relações, possui suas bases na arqueologia pública, que trabalha com o viés, de não apenas

conhecer o outro, mas também de inseri-lo na participação de todo o processo de investigação do patrimônio arqueológico (BEZERRA, 2011).

No entanto antes da realização de trabalhos arqueológicos na área, deve ser feita a documentação do sítio, através de prospecções de superfície, na qual será observado a disposição dos vestígios, que devem ser registrados por meio de fotografias, o sítio também deve ser cadastrado frente as autoridades de gestão do Patrimônio, para torna-lo dessa forma mais visível, possibilitando assim, a participação do mesmo em projetos de conservação.

O aprofundamento desse estudo se dará no projeto mestrado, intitulado “Sítio das Duas Moitas: Significados atuais - Almofala- CE” onde se propõe a realização de sondagens no espaço em que se encontra o sítio para fins de datação, pois, um dos maiores questionamentos da comunidade Tremembé atual, consiste na possibilidade de confirmação da presença desses nativos em tempos bem remotos, podendo de essa forma auxilia-los na luta por seus direitos a posse da terra.

Em suma, conhecer as relações dos índios Tremembé é de extrema importância para se obter as tão almejadas informações sobre seu passado respeitando os significados atuais que aquele espaço adquiriu para a comunidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed.FGV,2011.

AUGÉ, Marc. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 4 ed. Campinas: Papirus, 2004.

BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. *As etnogêneses: Velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político*. Rio de Janeiro: Mana, 12(1): 2006.

BAHN, Paul. *Arqueologia: Uma breve introdução*. São Paulo. Gradativa, 1997.

BANDEIRA, A.M. *Ocupações pré-históricas no litoral Maranhense: Um estudo arqueológico sobre o sambaqui do bacanga na ilha de São Luis-Maranhão*. São Paulo: Museu de arqueologia e etnologia da USP, 2008 (Dissertação de mestrado digitada).

BRASIL. Decreto nº 5.551 no qual institui o registro de bens culturais de natureza imaterial, que constituem patrimônio cultural brasileiro.

BRASIL. *Constituição Federal* de 05 de outubro de 1988. Disponível em: [http://www.iphan.gov.br/legislac/const88.htm] Acesso em 18/11/2012.

BEZERRA, Márcia. *“As moedas dos índios” um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da vila de Joanes, ilha de Marajó, Brasil*. Emilio Goeldi. Pará, v.6, n.1, jan/abr. 2011.

BORGES, Jóina Freitas. Sob os areais: arqueologia, história e memória. In: *História em poliedros: cidade, cultura e memória*. Teresina: EDUFPI, 2008.

\_\_\_\_\_. *Os senhores das dunas e os adventícios d'além mar: Primeiros contatos, tentativas de colonização, autonomia Tremembé na costa leste-oeste séculos (XVI e XVII)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2010 (Tese de doutorado digitada).

\_\_\_\_\_. *A história negada*. Em busca de novos caminhos. Teresina: FUNDAPI/2004

CHOAY, Françoise. *A alegoria do Patrimônio*. São Paulo. Unesp, 2001, p.11.

*Carta de Burra*-http://WWW.icomos.org/Australia/burra.html.

CABRAL, Ana Cristina. *Histórias Tremembé: Memórias dos próprios índios*. Almofala-CE. Universidade Federal do Ceará-UFC, 2012 (Monografia digitada).

CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. *A Invenção do cotidiano: arte de fazer*. 2 Ed: Petrópolis: vozes, 1990.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Imagens de índios no Brasil: o século XVI*. Estudos avançados. São Paulo, v.4, n.10, 1990. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.

FERREIRA, Fabio José L. da Costa. *Projeto de Urbanização da Praia do Arrombado*, 2012.

FERRARO, Lorena; MOLINARI, Roberto. *Articulando el arte: Manejo para o desarrollo y beneficio de las comunidades de pertenencia. Antropología y gestion: Contribuciones ao debate sobre el lugar de las ciências antropológicas em el manejo do patrimonio cultural (Parte I)*. Buenos Aires, p.43-55, 2012.

FIGUTI, Levy. *Economia/alimentação na pré-história do litoral de São Paulo*. IMAZIO.TENÓRIO, Maria Cristina (org). *Pré-história da terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. P197-203.

FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. 2. Ed. São Paulo: Humanitas, 2002.

FREITAS, Herla Mara de Carvalho. *Levantamento dos artefatos cerâmicos do Sítio Seu Bode*, Luis Correa-PI. Teresina-PI. Universidade Federal do Piauí-UFPI, 2011(Monografia digitada).

FUNARI, Pedro Paulo. *Os historiadores e a cultura material*. In: PINSKY, C.B. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.p.97.

GASPAR, M. *Sambaqui. Arqueología do litoral brasileiro*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2000.

GASPAR, Maria Dulce; IMAZÍO, Maura. Os pescadores coletores do litoral norte brasileiro. In: TENÓRIO, Maria Cristina (org). *Pré-história da terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999, p.247-256.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1994.

Hill, Jonathan D. *Introduction: etnogenesis in the Américas, 1492-1992*. Iowa: University of Iowa Press, 1996, p.1-19.

JÚNIOR, Gerson Augusto de Oliveira. *Os índios Tremembé e os saberes sobre o mar*. Ceará, p. 1-7, 2007.

LEMOS. Carlos A. C. *O que é patrimônio cultural*. Ed: Brasilienses s/a, São Paulo, 1981.

LE GOFF, Jaques, 1924- *História e memória/ Jaques Le goff: tradução Bernardo Leitão...*[et al.] , Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994.

MENESES, Upiano T. Bezerra. *Memória e cultura Material: Documentos pessoais no espaço público*. Seminário internacional sobre arquivos pessoais.Rio/São Paulo. CPDOC/FJV-IEBE/USP, 1997, p. 89-103.

MONTEIRO, John M. Tupis, Tapuias e *historiadores: Estudos de história indígena e do indigenismo*. Campinas: UNICAMP, 2001, p. 1-78. Cap (1,2,3) (Tese de livre docência digitada).

NORA, Pierre. *Entre memória e história: A problemática dos lugares*. Projeto história: Revista do programa de estudos pós-graduados em história, São Paulo, n.10, p.7-28. Dezembro 1993.

NASCIMENTO, Edileusa Santiago do. *Memória coletiva e identidade étnica dos Tremembé de Almofala: os índios da terra da santa de ouro*. Belo Horizonte. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2001(Dissertação de mestrado digitada).

\_\_\_\_\_. *Identidade e memória de habitantes de Fortaleza-CE: ramos de raízes indígenas em trânsito na cidade*: Pontifica Universidade Católica de São Paulo-PUC, 2009 (Tese de doutorado digitada).

PAULIOS, Ioannis. *Moviéndonos más allá de um enfoque basado em valores para La conservassem Del patrimonio*. *Antropología y gestion*: Contribuiciones ao debate sobre el lugar de las ciências antropológicas em el manejo do patrimonio cultural (Partel I). Buenos Aires, p.17-60, 2012.

PINHEIRO DA SILVA, Regina Coeli. *Compatibilizando os instrumentos legais de preservação arqueológica no Brasil: o Decreto-lei nº 25/37 e a Lei nº 3.924/61*. Revista de Arqueologia, 9:9-23. 1996.

RIBEIRO, Berta G. “Os estudos de cultura material: Propósitos e métodos”. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série Vol. XXX. São Paulo USP 1985.

Projeto de Levantamento e mapeamento de Sítios arqueológicos no Piauí. Teresina: IPHAN, 2012

SILVEIRA, Maura Imazio da; SCHAAN, Denise Pahl. *A vida nos manguezais: a ocupação humana da costa atlântica amazônica durante o Holoceno*. p 1-7, 2010.

SIMÕES, Mario F. *Coletores-pescadores ceramistas do litoral do Salgado (Pará)*. Boletim do Museu paraense Emílio Goeldi. Antropologia. Belém: Museu Emílio Goeldi n.78, p.1-34. 27 de março. 1991.

SOBRINHO, Barbosa Lima. *O devassamento do Piauí*. São Paulo. Editora Nacional, 1946.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: História Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

THOMÁS, Paulo Cesar. *A preservação do Patrimônio cultural e sua preservação no Brasil*. Revista de história e estudos culturais. Vol.07, n.2, 2010.

VALLE, Carlos Guilherme Octaviano. *Historicidade, mobilização política e reconstrução identitária: compreendendo as demandas étnicas Tremembé*. Bahia, p.1-21, 2008.

## **FOTOGRAFIAS**

PASSOS, Francisca Regina Marques. Sítio Das Duas Moitas. 2013.

ITAREMA É DEZ, 2012.

## **ENTREVISTAS**

PASSOS, Francisca Regina Marques.



## Apêndice - A

Ofício, nº, 2013

À senhora Juçara Peixoto da Silva

Superintendente da IPHAN Ceará

Vimos por meio deste, comunicar a presença de dois sítios arqueológicos no município de Itarema-Ce, denominados de sítio das Duas Moitas e sítio da Lagoa do Toco, os mesmos foram descobertos fortuitamente pela comunidade local.

Em visita aos sítios foi realizado o registro fotográfico e o preenchimento de fichas, com o máximo de informações possível sobre os Sítios. De acordo com a lei 3.924, “os monumentos arqueológicos ou pré-históricos de qualquer natureza existente no território nacional e todos os elementos que neles se encontram, ficam sob a guarda e proteção do poder público” de acordo com o que estabelece o Art. 175 da Constituição Federal, portanto é necessário em nome do interesse comum, que esses sítios sejam cadastrados pelo IPHAN-CE, possibilitando assim, um maior conhecimento sobre os registros na região. Dessa forma, realizamos o pedido para o cadastramento desses sítios.

## Apêndice - B

Transcrição da entrevista

Entrevistado: Estevão Henrique Santos

Entrevistador: Francisca Regina Marques Passos,

Dia: 4 de março de 2013

Local: município de Itarema-CE, na localidade Tapera, na residência do referido entrevistado.

### Entrevista

F: Sr. Estevão, meu nome é Francisca Regina Marques Passos, estou aqui para fazer um levantamento sobre o sítio arqueológico da minha pesquisa. Eu queria saber se o senhor permitiria que eu utilizasse, o que o senhor nos fornecer nessa entrevista, na minha monografia?

E: Ai num é eu que dumino, ai tá na disposição da senhora.

F: Pois, obrigada.

F: O Sr. Nasceu aqui mesmo?

E: Nasci na Camboa da Lama

F: Qual o mês, ano e dia que o Sr. Nasceu

E: Em trinta e dois, o dia, eu não tô bem lembrado, mas foi no mês de janeiro, dia vinte de janeiro.

F :O Sr. é viúvo?

E: Viúvo

F: Qual sua profissão?

E: É a roça

F: E o que vocês costumam plantar?

E: Todo vida o que nosso pai ensinó, nosso pai primeiro ensino ajudando nosso pai, depois nosso pai ensinô nois viver da agricultura. E o que é a agricultura? Plantar roça, uns chama roça, outros chamam mandiocas, é de que nois vive, agora hoje, hoje é que nois não temos essa produção.

F: É só pra subsistência?

E: Somente, oia... lá na Camboa da Lama, vocês vão passar lá hoje, vocês vão passar lá na Camboa da Lama, aí entra lá pro Saquim, aí então, de passeio pra passeio dei uma rota aqui pela Taperinha, aí me ingrarei de uma sinhurita, aí parei com ela né, é foi duma hora tão abençoada que deus chamo, eu to com uns trinta anos ou mais de viúvo.

F: Sr. além da mandioca vocês plantam, feijão, milho?

E: Chego lá, nois planta a mandioca que é pra fazer nossa farinha, nois planta o feijão, nois planta o milho, nois planta a simenti do jirimum, nois planta a simenti da cabaça, justamente, pratasmamente da cabaça que nois fazia o raso de carregar água, que era a cabaça né, tudo é agricultura.

Você quer saber como é que fazia, nois fazia o roçado?

F: Sr. Estevão no trabalho é abordado a cultura Tremembé, então eu gostaria que o senhor falasse sobre isso?

E: Nois darra do seco á praia, a praia, a marca era pra fazer os plantiu, tá entendendo? plantar roça, feijão, milho, cabaça, jirimum, melão, e o mar era pra nóis, pegar o peixe, em riba de que? Nois fazia uma jangada e butava ela pra água, ai, ai, pra cima dela.

F: Vocês sempre tiveram esse contato íntimo com o mar?

E: Toda vida.

F: Inclusive, o que agente pode observar, é que os sítios arqueológicos de vocês, estão todos próximos ao mar.

E: Eu com doze anos, eu já me lançava dentro do mar, marguiando... oía marguiando, hoje não faço mais esse trabaio, aí foi subindo a era, foi subindo, foi subindo, chego meus dezoito anos, eu marguiava cum nove braços, oito braços de fundura, hoje eu não faço mais isso, mais eu fazia isso por capricho, marguiava oito braços de fundura, lá no mar, mas no mar você tem que descer com forgo e subir com forgo, se não você não sobe, se você for fraco das ideias você fica.

F: Os documentos dizem que vocês se movimentavam com destreza, e ficavam muito tempo em baixo d'água.

E: Tem que ser bem preparado, aí nois pega o peixe pra cumer com farinha de mandioca, é de que os índios viviam.

Índio não tinha escola, índio não tinha escola, eu cançei escola com doze légua, pro Acaraú, só ia fie de meus senhores, que tinha condições, tinha condição, aqui foi rassim, quem tinha recurso pra levar, mais iam com os pezim deles no chão, fazia duas cangas num burro e levava cumida pra cumerem lá, pra semana ou duas, quando fartava vinha buská, e o pobre não tinha, o pobre pra comprar uma barra de sabão, ele dava noticia ao outro né, os índios limpos sou eu.

F: Sr. Estevão agente viu que, há tempos os Tremembé viviam do mar, certo?

E: O mar é sagrado pra noís, então noís tinha a praia pros índios pescar, e a vareda, então o índio quando intrava no mar, ele não ia sair de costa não, pelo largo a vareda no mar pra encostar, então ali, aquele sítio que hoje noís vem de lá, ali é aquela prova de cumu existia índio, oía... a minha vó que era mais veia dizia assim: Meu netinho onde tem o índio tem a terra, e onde tem a terra, tem o índio (risos) o índio vai morar aonde sem ter a terra?O índio tem que ter a terra pra morar.

F: Porque o senhor acha que a manifestação ocorrida no sitio, aconteceu naquele dia e naquele momento?

E: Naquele momento, oi... é importante eu dizer pra vocês, se eu não tivesse, primeiro que eu achei, se eu não tivesse falado a nossa missão era mandar o IPHAN examinar, o que é aquela criandade de produção daquele sítio, tá entendendo? Então o IPHAN veí examino, ali era uma coisa mais importante, era um bem de raiz pra nois, e pra este bem eles estudá, aquela mina que está ali no chão, ali é uma mina, só o que nois rimo, foi aquela mina em riba do chão, e nois não sabe o que tem debaixo da terra, pode até ter outra coisa mais importante não é isso?

Ai eu acho que peguei um pouco na fama na história, eu tava dispreocupado, e quando dou fé, chega aqui uma colega, nois fumo examinar essa colega que já tinha noticia desse sítio, chego até aqui pra eu chegar com ela lá, pra ela reio também né, disse que era muito difícil ir até lá, então ramo lá, então cheguemo em tal ponto, e ela chego até lá.

Antes dela o cumpadi Baby chego aqui combinando a mesma rumação com outro parceiro, cheguemo até lá, ai esse que ainda rem de lá, hoje cheio de fresquim, um rapaz deu a orientação pra mim, que aquele rapaz que tinha subido aculá, se acha que tinha visto aquele negocio, e falô pro Robeu né, ai o Robeu vei aqui me dizer, que aquele parceiro tinha visto um negocio lá, e ele reio aqui pra eu examinar, o que era aquilo mermo né, eu disse: rapaz eu num vô não, ele disse: rapaz é bom cê ir, pode ser coisa importante.

Ai eu cheguei até lá, cheguei lá, aqui não é coisa de sete cabeça não, isso aqui é bem de raiz, isso aqui é um documento, isso aqui rapaz vai servir pra noís, e depois se noís sair, desocupar a terra fica pros nossos filhos, pros nossos netos, é uma coisa de bem de raiz né, aqui é como se diz, aqui é um mapa, isso aqui não se acaba, a duna entope e ela mesma desentope, e é a mesma localidade, não se acaba nunca.

Ai eu tive pensando, ai, correu a história que aquele pedaço de chão ia se assaltado, ai doze horas me levantei, o sol tava pra cá, no sonho eu vi a figura dela (Jóina) ai falô com o cumpadi Baby, se não queria falar pra senhora, que eu tinha achado esse rapaz lá, então só quem podia tumar chegada lá era ela, por que eu não sabia donde tava esse IFHAN, eu sei lá donde mora esse IPHAN né, então noís cumecemo a nos cunhicer, cunhicer.

Ano passado ela chegô num dia de chuva, com outra parceira, queria que eu vinhesse com essa outra parceira dela, eu disse: não dá não meu amor, porque tá chovendo e noís tamo aqui e não pode sair agora, acho que ela não zangou-se não, ela voutô...quando foi agora que eu subi, que iam cercar, eu digo: agora é, por rumo de pau e pedra ela tem que vim.

F : Ficou com medo seu Estevão?Ai mandou chamar a Jóina.

E: Se essa firma chegar e entrar e cercar toda a terra, ai noís não pode mais chegar lá né, cercado.

F: Ai eles vão dizer que é deles.

F: Sr. Estevão antes da gente que estuda os sítios vir pra cá, como vocês chamavam esses lugares?

E: Escute bem, nois não sabia de nada, nois tava ateu, eu sou o seguinte, eu sou ateu, eu só gosto de acreditar nas coisas que eu tô vendo, ai eu falando missão daqui, ai eu mostrei aquele negocio da missão, Estevão onde está aquele encanto (botelha)

F: Vocês viam aqueles monte de cacos, pra vocês, era o quê?

E: Pra nois você sabe Cuma era, era uma moradia, uma aldeia, ali aonde os índios como se diz se arrancharam, eu calculei que ali era um depositu, tá entendeno? Como que fosse um barreiro, daí imassaram aquele barro, para fazer aquela cultura.

F: O senhor pensava que era novo, recente, ou pensava que era antigo?

E: Era antigo, porque coisa que eu ainda não tinha risto, eu ria falar, a minha vó dizia mais, nois ainda não tinha risto, a senhora tá entendeno?

Ai que a missão batizô, este nome, que é um sítio metiologico, e que eu por caridade não espalhasse pra ninguém, porque a mãe do prefeito que entregou presse outro agora, ela é meio perigosa, podia mandar meter o trator e intupir, ela até falô. Ela disse assim: Estevão, não é bom nois cercar não? Eu disse não dona Maria. Podem filar aquela terra (risos) ela disse: não tem problema não. Mais deixa lá.

Foi indo, foi indo, não sei Cuma foi nos uvido do cumpadi Baby, ele chego aqui com outros parceiros, denovo fumo lá, ele disse: rapaz isso tá guardado, isso é um documento seu, cê morre mai isso aqui é seu, você que axô, você só traz aqui, e só vem gente pra cá, se for com sua ordi, sem sua ordi aqui não vem ninguém.

Eu disse: eu tenho uma parceira, ele falô, que essa parceira ainda vem aqui, ainda. De que jeito ela é?

Depois, você sabe quem é ela.

Pois está bom, vamos aguardar essa cor, então chego, tá na mão dela e de vosmicês, que já foram lá, como se diz esse documento eu posso dizer tá assinado, vocês fazem grande testemunha como o sítio metiologico a assinado por vocês.

F: Sr. Estevão, o senhor vê esse sitio como pertencendo á seus antepassados?

E: Verdade

F: E porque o senhor acha que naquele dia em especial, essa manifestação aconteceu, dos índios passarem mal, desmaiarem?

E: Você sabe o que foi, foi matéria suja meu amor, foi matéria suja riu, ófa... eu ia passar uma rergonha, passar rergonha, aqui na morada da velha Mariquel, Ciça foi, Ciça, eu tinha que chega lá e falar com meu povo, né, eu não ia chegar lá de peito aberto, de corpo aberto, não... eu tinha que rezar uma pressa pra eles quando nois chegava lá né, ai eu disse assim: minino, nois vai cantar de tambuclina pros nossos parceiros, mas essas que, aconteceram o que acontecerão com elas é porque elas

estão num caminho sem vorta, mais como elas não se alimparam pegô todo o bacaxi e sujeira cai em riba delas.

F: Sr. Estevão a primeira vez que o senhor foi lá, o senhor disse que não sabia o que era, achava que era resto de lugar. O senhor não sentiu nada?

E: Não senti não.

F: Quando foi que o senhor suspeito que tinha encantado lá?

E: Eles vieram comigo.

F: Ah

F: Então, o senhor acha que eles não estavam lá, foi o senhor que levou, não tinha encantado lá antes não?

E: Eles estarão lá.

F: Só que não tinham falado com o senhor?

E: Estarão lá, escuti bem... estarão lá, eu andei lá umas quatro vez só, suzim mermo sem vizar pra ninguém, e por lá todo tem coisa.

De noite eu sonhei com eles, sonhei com nossos amigos, ai eu fiquei gustiado, mais aqui tem noite que eles me mandam pro chão, no dia que eu não rezo pra eles, eles me mandam pro chão, eu tenho que rezar pra eles, um padi nosso, uma pressa pra limpar a matéria deles, né.

Isso é aquela coisa, oi, lá donde tem o rio que passa ente um e Oto, o rio, eu disci do rio, eu fui inté, mais isso em sonho, pertim da posada da Almofala, de lá eu vortei com outro chefe, daí descimo, ele disse: daí raí (esquecimento) ô meu Deus agora pasô minha cabeça, o rio decia e passava bem ali donde é a posada, donde o pessoal se colocava e o Tarcizo caia pra tijuca, de foi o manifestar da santa né, a santinha de oro, sô apaxonado, oi ela deceu, ai nois rortemos lá, eles estão lá, a filha do seu João Venança, morreu lá na Almofala, mas nesse dia eu vi ela lá, batendo pia, fazendo renda.

F: O senhor viu ela fazendo renda? Foi a Raimundinha?

E: Eu não vô nem te contar, porque o povo pode saber e axar ruim.

F: Quem?

E: O pai dela né.

F: Será?

E: Mais eu vi com meus óios, eu vi passando mermo.

F: Mas, não foi só o senhor que viu ela lá, teve mais gente que viu também né?

E: Eu vi passando mermo assim oi... eu fui cunfirir, acentei o uvido no chão, e foi de noite, eu fui de noite, também graças á Deus num vi raposa e nem berro de nada, butei o uvido no chão, acendi as vela no chão disse: tudo aqui, justamente comparei como se fosse a praia viu, a costa, apesar de tão bem a Raimundinha aqui tão bem bonita, quando noís chegamô aqui, ela arrematando os bicos ali, tamando banho de sol.

F: Sr. Estevão a última visita que eu fiz á Itarema, a gente foi visitar vocês na aldeia Saquinho, o senhor disse que não poderia nos levar ao sítio pois, os encantados estavam acordados.O que poderia acontecer, se nós fôssemos ao sítio com os encantados acordados?

E: Sabe qual o motivo? Pudia vocês não estar bem completa pra receber eles, e vocês pegarem um banho, que nem aconteceu com as mininas óia... eu não sei de nada, eu não sei de nada, não sei fazer um ó nem com uma pena, eu só, sou ateu, ser bializado pra noís ir açula, noís tem que chegar lá com calma né, rezar um padi nosso pra eles, saber se agente podi chegar até lá.

Primeiro quando você chega numa casa aqui, como é que você fala? Ô de casa, não é não, quando você chega lá, você tem que respeitar também, assim como eu lhe respeito, respeito a nossa parceira aqui, a senhorita, você tem que respeitar os encante, os encantos amor.

F: Mas os encantados que o senhor fala são os espíritos bons?

E: São os espíritos bom.

F: Mas no sítio também pode ter ruins?

E: Tem não. Agora eles não concorda é chegar nossa matéria lá suja e receber.

F: Ai eles se zangam, os espíritos bons?

E: É o que contece, foi o que conteceu com os minino.

Quando a Ciça passo da Acembréia com esta história contando, o João Venaça passando na cara, que ela pensava que eu era um bábá, condicença da palavra, como se fosse uma ruma de bosta, tá entendendo? A Ciça lá escraxando, e eu fiquei morto de vergonha, ai se ajuntô o João Venança debaixo daquela madeira aqui da finada Maria Biguel, dona Ciça é assim, assim, o cara que tem a matéria suja, não pode receber uma matéria boa.

Tem duas sementi, você planta duas sementi, aqui ela tá em carneiro mais está nas pedras, aqui é a terra, você planta semente aqui e uma outra aqui no pé do carneiro, você repara qual dá o fruto melhor, se é a da terra ou é a do pé do carneiro. Eu sô experiente nessa rumação, isso nós tem, o estudo de vocês vão estudar é isso ai.

Ai vocês dizem assim: meu Deus eu vô plantar duas sementis, como ele falô, eu planto uma na terra e outra no pé do carneiro, será que essa do carneiro vai dá fruta melhor? Ai você fica maluca entende? A fruta da terra não, o carneiro vai dá uma fruta boa bonita, já viu fruto de carneiro? A fruta de carneiro é bunitinha, daí donde você vai se perder, ocê diz: eu rô apanhar essa do carneiro que é uma fruta mior, ma da fruta é mior, mais da terra é mior, porque é da terra, então a do carneiro ocê não pode enraizar, a raiz do carneiro é de fora.

F: Seu Estevão o senhor sente na comunidade o interesse pelo aprofundamento dos estudos dos sítios arqueológicos, como meio de chegar no passado de vocês? Para descobrir como era?

E: Oíá... os professor que eu to mais ísculhendo é os professor, eu já levei lá umas duas vez, eles acharam muito importante, eles estão tirando mais a parte da memória deles por lá, mais a coisa mais importante, o maior intereço que eu to enxergando dentro dessa comunidade, é nossa parcera, que não é moleza, ela perdeu já quase dois dia de escola, de aula, pra tá aqui no meio de noís, pra ir reparar uma coisa que nem dá pra noís né, mas como ela tá no estudo dela né, por isso que eu lhe digo: acho que ela tem mais interesse do que nossa comunidade aqui, a nossa comunidade não sabe nem o que é.

F: Mas é justamente esse o trabalho, essa visibilidade entendeu, é mostrar que realmente é importante. O senhor não já sabe a importância dos sítios arqueológicos para o conhecimento dos seus antepassados?

E: Sim é claro.

F: Os meninos que dão aula também não já estão tendo noção desse espaço?E dessa vão repassar para as crianças.

E: Sempre eu digo pra eles, oi... vocês não deixem de repassar pra crianças, indagorinha eu disse ali prum professor, pra não deixar escorrer em branco né, tem de alimentar os passados.

F: Sr. Estevão para o senhor para os meninos que dão aula, que no geral sabem o que é a arqueologia e um sítio arqueológico, qual o significado para eles, que possuem um conhecimento mais amplo?

E: Eles não sabe ainda de nada, eu tô lhe contando você não vai acreditar, eles mermo, não tão sabendo de nada, o que foi que o professor falô? Como foi que ele fez aquela pergunta?

F: O que era a idade?

E: Aquela idade ali vai muito longe, ali não tá com um seco não.

F: Vocês acham importante saber a idade?

E: Dimais

F: Por quê?

E: É importante pra nois e pro branco, porque o preto foi pra escola do branco, o preto foi muito discriminado, porque não existia o índio, não existia, e aquele sítio metiologico é uma prova tão fina que tá lá impunemente lá, pra dizer que lá já existia índio, o meu gosto é esse, com maior prazer.



F: O importante para o senhor é que ali é uma prova?

E: Uma tistimunha de cumo existi índio, cumu disse que não existia índio, hoje noís tamo aqui, hoje nois tamo aqui, o índio hoje está aqui.

F: Sempre esteve

E: Assim como dizião o índio tinha se acabado, Pedro Álvares Cabral tinha entrado se acabado com tudo, de fato Cabral diz... que descobriu o Brasil, ele não descobriu o Brasil, ele destruiu o Brasil.

Quando o rei de Portugal com o scalezinho soltando verdura de costa em costa, quando ele saia da costa, e encontrava o escale, e mandava a segunda pessoa dele pra saber se tinha rasto na costa, ele mandava arriar aquela gaviota de verdura todinha porque sabia que tinha um índio, vortava pra trás pegava outro, assim que ele foi, assim que ele amaço os índios, quando eles amaço os índios eles, o que eles faz, troce os escravos. Fez uma cerca da mata por cima, depois, tocô fogo. Os Tapeba foram daqui da Almofala com medo de morrer, donde tá socado os Tapeba, hoje Paraipabas, na Serra da Paraipabas.

F: Tudo perseguição

E: Tudo, tudo, tudo

E: Minha vó dizia que quando noís ia brincar na jornada do Torém, na distância de uma légua, para os portugueses nem adivinhar, se não mandava matar um por um. Porque que os índios forão escravizados? Forão escravizados dimais, mas tá aí a prova, oía... mais ou menos quantos anos aquele sítio não passou de baixo d'água, e ele retornou para a fulor do chão, ele não tá na fulor do chão? Se um índio morrer, nasce dois, se morrer dois nasce quatro, e nunca se acaba né, e lá está, um documento.

F: Muito obrigada seu Estevão pela sua entrevista.

E: Vosmicês, é uma pessoa linda, eu fico com muito prazer, cinto muito de vocês não passarem mais meno um dia com agente, discutindo mais coisa, que ainda tem mais coisa.

F: Obrigada seu Estevão mais uma vez.

## Apêndice- C

Transcrição da entrevista

Entrevistado: Ana Cristina Cabral

Entrevistador: Francisca Regina Marques Passos

Dia: dia 4 de março de 2013

Local: município de Itarema- CE, na localidade Varjota, na residência da referida entrevistada.

### Entrevista

F: Cristina meu nome é Francisca Regina marques Passos, estou fazendo essa entrevista, como critério de pesquisa da minha monografia.

F: Cristina, em que dia e mês você nasceu?

C: Dia vinte dois de novembro de 1980.

F: Você é casada?

C: Sou casada, tenho uma filha de três anos.

F: Qual sua profissão?

C: Sou professora na escola diferenciada, aqui na Varjota.

F: Você permite que eu publique essa entrevista, no meu trabalho de monografia?

C: Permito né, já é uma forma di a gente também tá mostrando as histórias do nosso povo Tremembé.

F: Eu estive em visita a aldeia Tremembé de Passagem Rasa, e vocês comentaram sobre uma experiência que vocês tiveram em um dos seus sítios arqueológicos, onde muitos índios passaram mal, como se estivessem recebendo uma entidade. Como isso ocorreu?

C: É porque é assim, um sítio arqueológico é considerado por nois Tremembé, um lugar sagrado né, e como é esse lugar sagrado, agente considera como morada dos nossos mais velhos né, dos índios antigos, dos primeiros Tremembé que povoaram esse aldeamento né, por que assim, por exemplo o sítio arqueológico que o tio Estevão chama de Duas Moitas, porque ele tá situado entre duas moitas, desde a primeira vez que ele viu, ele avista duas moitas e o sítio no meio né, e ai o sítio, é onde tem vários vestígios, que a gente sabe, sente quando visita que é Tremembé né.

A gente já encontrô lá, que muitas vezes as pessoas não vê, lagoa que quando agente chega no momento, alguns vejam outros não vejam, por isso é sagrado, por

esse momento né, por essa visão que nois Tremembé tem, muitas pessoas de fora não veja, não vejam cacos que agente vejam, não veja, nos já vimos dente, restos de dentes de pessoas né, de seres humanos, lagoas, morrinhos pequenos que as pessoas não vejam, nós Tremembé vamos lá, a gente senti isso né, e muitas vezes a gente chega até a desmaiar por isso, porque é um lugar de encantados, e muitos de nós né, senti essa presença dos encantados né, eu na visita que a gente fez em agosto de 2010, eu senti isso muito forte né a presença da Raimunda Marques, uma cursista né, no MITS que já tinha visitado outra vez, na primeira que a gente foi lá, ela foi com a gente em 2011 ela já não foi mais, e ai eu senti isso, a presença dela naquele momento.

F: Mas ela já faleceu?

C: Ela já faleceu né, faleceu, agora em maio vai fazer quatro anos né que ela faleceu, ai eu senti a presença dela e outras companheiras também sentiram essa presença, de pessoas que já partiram Tremembé.

F: Na sua opinião, porque ocorreu essa manifestação tão forte?

C: Eu acho que assim, essa manifestação ocorre devido de o massacre que muitos índios sofreram né, porque hoje ele tá um pouco reservado, mais a gente percebe que as pessoas estão se apoderando daquele espaço né, e os nossos índios já sofreram essa saída de lá, já muitos morreram lá por conta disso, massacre do homem branco naquele espaço né, e a gente senti isso, esse sofrimento que eles passaram, tiveram nessa vida deles, ai hoje a gente senti né, assim como muitos Tremembé por aqui sofreram isso, e ai muitos morreram naquele espaço.

F: Vocês visitam esse espaço em grupo?

C: Ai é assim, a gente teve duas visitas né já, só que ai após essa vez que muitos sofreram com a presença dos antepassados a gente não foi, mas a gente percebe que a pessoa que tava acompanhando, ele fez um pedido muito forte né, quando a gente chegou lá no momento, que foi o tio Estevão, ele pediu que os encantados nos ajudassem naquela hora, ai como nois, muitos de nois somos muito frágil né, nois tem muita facilidade de tá em contato com nossos encantados, a gente sofreu né, e a partir daí nois demo um tempo, deixemo as coisas se acalmar, pra poder depois agente retornar.

Ai é assim, também quando a gente for, a gente já disse pra nois mermo, que nois não ia mais fazer aquilo, a gente podia se preparar antes, pra puder fazer aquele pedido, devido o espaço ser sagrado pra nois.

F: Qual a significância desse espaço pra vocês?

C: Ai assim, ele é um lugar muito importante, porque a gente sabe que foi a vivencia dos nossos antepassados, ele retrata hoje a vida de muitos Tremembé, de antigamente né, porque quando a gente encontra lá assim uns pedaço de caco que agente percebe que era o jeito que eles faziam a alimentação.

F: Cristina você acha interessante fazer um trabalho com a arqueologia lá nesse espaço?

C: E muito importante, até pra também dá visibilidade á outras pessoas, porque só nois Tremembé né e o tie Estevão como mais velho, que conhece, a gente já conseguiu levar a Sonia né, conseguiu levar o Clebe, conseguiu levar outras pessoas, só que assim, nunca teve um estudo, a gente corre o risco de outras pessoas de fora, como lá é um espaço muito bonito, as pessoas virem á matar aquele espaço.

Porque na última vez que nois tava lá, tava um pessoal de fora, que nois não discutriu de onde eles eram, andando de bugre bem pertim, agente tava num espaço pequeno, e eles passando bem pertim, e segundo as informações, é que há uma vontade de fazer hotel naquele espaço, e o lugar é muito lindo né, porque assim dum lado tem a mata, tem o morro e em seguida tem a praia, é um lugar muito cobiçado, concerteza alguém vai tá com esse olhar de ganância para se apoderar daquele espaço.e fazendo um estudo vai melhorar, porque ai as pessoas vão respeitar né, esse espaço, não vão mais acabar com aquilo ali.

O tio Estevão disse também que quando ele começo a andar lá era bem maior, agora já tá menor , o morro já conseguiu tapar uma parte e assim, não foi feito um estudo pra comprovar a idade, daquilo ali tudo, ai era interessante que fizesse né.

F: Vocês possuem interesse que esse sítio em especial seja estudado mais aprofundadamente?

C: Concerteza, estudar pra preservar também né, essa riqueza que nois Tremembé tem, tornar visível, porque assim nois sabe que existe algumas pessoas aqui no aldeamento, que ainda não conhece, e a partir de um estudo feito lá, essas pessoas vão passar a conhecer né, e valorizar aquele espaço.

F: É porque vocês valorizam.

C: Nois valoriza, porque agente já conhece.

F: Existem índios que não conhece?

C: Ainda existe, muitos que não conhece, assim nois por conta do curso, e nois tem o tio Estevão, muito presente no nosso curso né, e ai ele vei e contô pra nois, e ai agora ele também já disse pro Roberio do outro sítio, que nois não conhecemos né, e ai é interessante que a gente passe á conhecer pra gente puder fazer o estudo.

F: O aprofundamento desse trabalho é importante, porque vocês podem aprender mais e repassar para as crianças.

C: É, eu comentando com meus alunos né agora, ai eu falei pra eles né do sítio, ai eles ficaram perguntando né, como é? O que é? O que tem lá?O que faz um sítio? Ai eu cumecei a dizer pra eles, não nois vamos pra lá, ai eu perguntei, vocês topam é longe?Não tem problema, nós queremos conhecer, ai é importante, esse estudo pra isso, pra despertar neles também porque essa geração mais nova que vai dar continuidade a essa luta.

F: Eles tem que conhecer o passado, para poderem repassar.

C: Repassar e valorizar a cultura né, porque assim, hoje eu valorizo a cultura por quê? Por que eu conheço uma parte, eu estudei, ai do mesmo jeito serão os nossos alunos, os nossos jovens, essa futura geração Tremembé.

F: Como poderia ser feito um trabalho para dar visibilidade e mais informação, e ao mesmo tempo, não correr o risco de descaracterizar aquele espaço?

C: Assim a gente, porque tem algumas coisas que eu sei, que quem for estudar, vai também sofrer por conta do contato com os antepassados, mas dá pra tirar alguma coisa, porque tá espalhado né, e dá pra tirar, fazer um estudo pra garantir, vai ter que cavar porque tem uma parte que o morro cubriu né, e vai ter que puxar a areia né.

Ai é assim muitas coisas vão sair do lugar, mais não vai deixar de ser o nosso lugar né, ai é importante ter esse estudo, ai né pra poder fazer o estudo, pra poder dizer pra gente que é isso mesmo.


Porque eu achasse interessante fazer o estudo porque, pras pessoas que dizem que não, não existe Tremembé ni Almofala é lenda, como muitos aqui no município de Itarema, é tendo então o estudo, também vai provar isso, que Tremembé não é lenda, que lá naquele espaço, morô Tremembé, lá existiu um grupo, que hoje ele não tá lá, mais tá aqui os frutos para continuar essa guerra ai.

F: Muito obrigada Cristina

C: Quando precisar é só me procurar.

## Anexo - A

### Ficha do Sítio das Duas Moitas

Ministério da Cultura Sistema Nacional de Informações Culturais - SNIC		Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos CNSA / SGPA		 Centro Nacional de Arqueologia - CNA	
Nome do sítio:			CNSA: (campo reservado)		
Outras designações e siglas: Sítio das Duas Moitas					
Município:				UF	
Itarema				CE	
Localidade:					
Capira					
Outras designações da localidade:					
Descrição sumária: O sítio está localizado sob dunas móveis, vegetação de restinga rala, possuindo grande diversidade de registos arqueológicos como cerâmicas, objetos líticos, havendo também grandes quantidades de lascas. A região possui ecossistemas diversificados e abundância de água.					
Sítios relacionados:					
Sítio da lagoa do Coco					
Nome do proprietário do terreno:					
Endereço:			Cidade:		UF
CEP:	E-mail:		Fone/Fax:		
Ocupante atual:					
Acesso ao sítio: Saindo de Itarema, pega-se a Av. Estruturante seguindo do reto, na quarta entrada entra-se à esquerda, continuando reto chega-se à Aldeia de Varyota, nesse ponto basta seguir reto, chegando-se assim à Aldeia de Capira, na qual se encontra o sítio.					
Medidas do sítio:					
Comprimento:	Largura:	Altura máxima:		Área:	
100 m	20 m	m (a partir do nível do solo)		m <sup>2</sup>	
Medição: <input type="checkbox"/> Estimada <input checked="" type="checkbox"/> Passo <input type="checkbox"/> Mapa <input type="checkbox"/> Instrumento					
Nome e sigla do documento cartográfico:					
Ano de edição:	Órgão:			Escala:	
	<input type="checkbox"/> IBGE <input type="checkbox"/> DSG <input type="checkbox"/> Outro				

\* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.

Delimitação da área/Coordenadas UTM:				
Ponto central:		Perímetro:		
Zona: 24	E: 0415116	N: 9621696	Zona:	E: N:
DATUM: Sad 69		Zona:	E: N:	
<input checked="" type="checkbox"/> GPS		Zona:	E: N:	
<input type="checkbox"/> Em mapa		Margem de erro: 3 m	Zona:	E: N:
Unidade geomorfológica: (vide tabela)		Compartimento topográfico: (vide tabela)		
Altitude: (com relação ao nível do mar)	Água mais próxima:	Distância:	Rio:	Bacia:
m		m		
Outras referências de localização:				
Vegetação atual:				
<input type="checkbox"/> Floresta ombrófila	<input type="checkbox"/> Campinarana	<input type="checkbox"/> Savana-estépica (caatinga)	<input type="checkbox"/> Capoeira	<input checked="" type="checkbox"/> Outra: <u>Rustinga</u>
<input type="checkbox"/> Floresta estacional	<input type="checkbox"/> Savana(cerrado)	<input type="checkbox"/> Estepe		
Uso atual do terreno:				
<input type="checkbox"/> Atividade urbana	<input type="checkbox"/> Estrutura de fazenda	<input type="checkbox"/> Plantio	<input type="checkbox"/> Outro:	
<input type="checkbox"/> Via pública	<input type="checkbox"/> Pasto	<input checked="" type="checkbox"/> Área não utilizada		
Propriedade da terra				
<input type="checkbox"/> Área pública	<input type="checkbox"/> Área privada	<input type="checkbox"/> Área militar	<input checked="" type="checkbox"/> Área indígena	<input type="checkbox"/> Outra: _____
Proteção legal:				
<input type="checkbox"/> Unidade de conservação ambiental				
<input type="checkbox"/> Em área tombada				
<input type="checkbox"/> Municipal <input type="checkbox"/> Estadual <input checked="" type="checkbox"/> Federal <input checked="" type="checkbox"/> Patrimônio da humanidade				
Categoria:		Exposição:		Contexto de deposição:
<input type="checkbox"/> Unicomponencial	<input checked="" type="checkbox"/> Pré-colonial	<input checked="" type="checkbox"/> Céu aberto	<input type="checkbox"/> Gruta	<input checked="" type="checkbox"/> Em superfície
<input type="checkbox"/> Multicomponencial	<input type="checkbox"/> De contato	<input type="checkbox"/> Abrigo sob rocha	<input type="checkbox"/> Submerso	<input type="checkbox"/> Em profundidade
	<input type="checkbox"/> Histórico	<input type="checkbox"/> Outra:		
Tipo do sítio: (vide tabela)		Forma: (vide tabela)		Tipo de solo:
Estatigrafia: (indicar o número, espessura e profundidade das camadas arqueológicas)				
Estruturas:				
<input type="checkbox"/> Áreas de refugio	<input type="checkbox"/> Vestígios de mineração	<input type="checkbox"/> Estacas, buracos de		
<input checked="" type="checkbox"/> De Lascamento	<input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras	<input type="checkbox"/> Fossas		
<input type="checkbox"/> De Combustão (fogueira, forno, fogão)	<input type="checkbox"/> Manchas pretas	<input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila		
<input type="checkbox"/> Funerárias	<input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas	<input type="checkbox"/> Palafitas		
<input type="checkbox"/> Vestígios de edificação	<input type="checkbox"/> Círculos de pedra	<input type="checkbox"/> Paliçadas		
<input checked="" type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas	Quantidade: _____			
<input type="checkbox"/> Outras: _____				
Artefatos:				
<input checked="" type="checkbox"/> Lítico lascado	<input type="checkbox"/> Lítico polido	<input checked="" type="checkbox"/> Cerâmico	<input checked="" type="checkbox"/> Sobre concha	<input type="checkbox"/> Sobre material orgânico
Outros vestígios líticos:				
Material histórico:				
Outros vestígios orgânicos:		Outros vestígios inorgânicos:		





Relevância do sítio: <input checked="" type="checkbox"/> Alta <input type="checkbox"/> Média <input type="checkbox"/> Baixa		
Atividades desenvolvidas no local: <input checked="" type="checkbox"/> Registro <input type="checkbox"/> Sondagem ou Corte Estratigráfico <input type="checkbox"/> Coleta de superfície <input type="checkbox"/> Escavação de grande superfície <input type="checkbox"/> Levantamento de gráficos rupestres		
Responsável pelo registro: Nome: <u>Francisca Regina Marques Passos</u>		
Endereço: <u>Av. Abdias Nunes, 642, Cristo Rei</u>	Cidade: <u>Ceresina</u>	UF: <u>PI</u>
CEP: <u>64015-300</u>	E-mail: <u>reginamarquespassos@hotmail.com</u>	Fone/Fax: <u>(86) 92435-6032</u>
Nome do projeto: <u>Arqueologia, História, Luta: Instrumentos, seus sítios arqueológicos, seus antepassados e sua terra!</u>		
Nome da instituição: <u>Universidade Federal do Piauí</u>		
Endereço: <u>Campus Universitário Rômulo Portela</u>	Cidade: <u>Ceresina</u>	UF: <u>PI</u>
CEP: <u>64044-550</u>	E-mail:	Fone/Fax: <u>3215-5525</u>
Documentação produzida: (quantidade)		
Mapa com sítio plotado: <input type="checkbox"/>	Croqui: <input type="checkbox"/>	Planta baixa do sítio: <input type="checkbox"/>
Planta baixa dos locais afetados: <input type="checkbox"/>	Planta baixa de estruturas: <input type="checkbox"/>	Perfil estratigráfico: <input type="checkbox"/>
Perfil topográfico: <input type="checkbox"/>	Foto aérea: <input type="checkbox"/>	Foto colorida: <input checked="" type="checkbox"/>
Foto preto e branco: <input type="checkbox"/>	Reprografia de imagem: <input type="checkbox"/>	Imagem de satélite: <input type="checkbox"/>
Cópia total de arte rupestre: <input type="checkbox"/>	Cópia parcial de arte rupestre: <input type="checkbox"/>	Ilustração do material: <input type="checkbox"/>
Cademeta de campo: <input checked="" type="checkbox"/>	Vídeo/filme: <input type="checkbox"/>	Outra: <input type="checkbox"/>
Quantidade de imagens anexadas à Ficha de Registro para inclusão no Banco de Imagens: <input type="checkbox"/>		
Bibliografia:		
Observações:		
Data: <u>01/04/2013</u> Assinatura: <u>Francisca Regina Marques Passos</u>		

## Anexo- B

### Ficha do Sítio da Lagoa do Toco

Ministério  
da Cultura  
Sistema Nacional de Informações Culturais - SNIC

Cadastro Nacional de  
Sítios Arqueológicos  
CNSA / SGPA



Nome do sítio: <i>Sítio da lagoa do Toco</i>		CNSA: (campo reservado)	
Outras designações e siglas:			
Município: <i>Itarema</i>		UF <i>CE</i>	
Localidade: <i>Capera</i>			
Outras designações da localidade:			
Descrição sumária: <i>Assim como outros sítios litorâneos, está localizado em um corredor estivo, vegetação de restinga rala, situado-se entre dunas móveis fixas, raias fixas, podendo dessa maneira pela dinâmica dos ventos, encobrir os registros presentes no sítio. Tais como cerâmica, artefatos líticos e materiais malacológicos. A região possui ecossistemas diversificados e abundância de água.</i>			
Sítios relacionados: <i>Sítio das Duas Moitas</i>			
Nome do proprietário do terreno:			
Endereço:		Cidade:	UF
CEP:	E-mail:	Fone/Fax:	
Ocupante atual:			
Acesso ao sítio: <i>Saindo de Itarema, pega-se a Av. Estruturante seguindo reto, na quarta entrada entra-se a esquerda, continuando reto chega-se à Aldeia de Varjota, nesse ponto basta seguir reto, chegando-se assim à Aldeia de Capera na qual se encontra o sítio.</i>			
Medidas do sítio:			
Comprimento: <i>50</i> m	Largura: <i>10</i> m	Altura máxima: m (a partir do nível do solo)	Área: m <sup>2</sup>
Medição: <input type="checkbox"/> Estimada <input checked="" type="checkbox"/> Passo <input type="checkbox"/> Mapa <input type="checkbox"/> Instrumento			
Nome e sigla do documento cartográfico:			
Ano de edição:	Órgão: <input type="checkbox"/> IBGE <input type="checkbox"/> DSG <input type="checkbox"/> Outro	Escala:	

\* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.

Delimitação da área/Coordenadas UTM:					
Ponto central:		Perímetro:			
Zona: 24	E: 0414407	N: 9672120	Zona:	E:	N:
DATUM: Sada 69			Zona:	E:	N:
<input checked="" type="checkbox"/> GPS			Zona:	E:	N:
<input type="checkbox"/> Em mapa			Margem de erro: 3 m		
Unidade geomorfológica: (vide tabela)			Compartimento topográfico: (vide tabela)		
Altitude: (com relação ao nível do mar)		Água mais próxima:	Distância:	Rio:	Bacia:
m		m			
Outras referências de localização:					
Vegetação atual:					
<input type="checkbox"/> Floresta ombrófila	<input type="checkbox"/> Campinarana	<input type="checkbox"/> Savana-estéptica (caatinga)	<input type="checkbox"/> Capoeira	<input checked="" type="checkbox"/> Outra: Restinga	
<input type="checkbox"/> Floresta estacional	<input type="checkbox"/> Savana(cerrado)	<input type="checkbox"/> Estepe			
Uso atual do terreno:					
<input type="checkbox"/> Atividade urbana	<input type="checkbox"/> Estrutura de fazenda	<input type="checkbox"/> Plantio	<input type="checkbox"/> Outro:		
<input type="checkbox"/> Via pública	<input type="checkbox"/> Pasto	<input checked="" type="checkbox"/> Área não utilizada			
Propriedade da terra					
<input type="checkbox"/> Área pública	<input type="checkbox"/> Área privada	<input type="checkbox"/> Área militar	<input checked="" type="checkbox"/> Área indígena	<input type="checkbox"/> Outra: _____	
Proteção legal:					
<input type="checkbox"/> Unidade de conservação ambiental					
Em área tombada <input type="checkbox"/> Municipal <input type="checkbox"/> Estadual <input checked="" type="checkbox"/> Federal <input checked="" type="checkbox"/> Patrimônio da humanidade					
Categoria:					
<input type="checkbox"/> Unicomponencial	<input checked="" type="checkbox"/> Pré-colonial	Exposição:		Contexto de deposição:	
<input type="checkbox"/> Multicomponencial	<input type="checkbox"/> De contato	<input checked="" type="checkbox"/> Céu aberto	<input type="checkbox"/> Gruta	<input checked="" type="checkbox"/> Em superfície	
<input type="checkbox"/> Histórico	<input type="checkbox"/> Histórico	<input type="checkbox"/> Abrigo sob rocha	<input type="checkbox"/> Submerso	<input type="checkbox"/> Em profundidade	
		<input type="checkbox"/> Outra:			
Tipo do sítio: (vide tabela)			Forma: (vide tabela)		Tipo de solo:
Estatigrafia: (indicar o número, espessura e profundidade das camadas arqueológicas)					
Estruturas:					
<input type="checkbox"/> Áreas de refúgio	<input type="checkbox"/> Vestígios de mineração	<input type="checkbox"/> Estacas, buracos de			
<input checked="" type="checkbox"/> De Lascamento	<input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras	<input type="checkbox"/> Fossas			
<input type="checkbox"/> De Combustão (foqueira, forno, fogão)	<input type="checkbox"/> Manchas pretas	<input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila			
<input type="checkbox"/> Funerárias	<input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas	<input type="checkbox"/> Palafitas			
<input type="checkbox"/> Vestígios de edificação	<input type="checkbox"/> Círculos de pedra	<input type="checkbox"/> Palçadas			
<input checked="" type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas	Quantidade _____				
<input type="checkbox"/> Outras: _____					
Artefatos:					
<input checked="" type="checkbox"/> Lítico lascado	<input type="checkbox"/> Lítico lido	<input checked="" type="checkbox"/> Cerâmico	<input checked="" type="checkbox"/> Sobre concha	<input type="checkbox"/> Sobre material orgânico	
Outros vestígios líticos:					
Material histórico:					
Outros vestígios orgânicos:			Outros vestígios inorgânicos:		

Acervo: Instituições: (em que se encontra o material coletado)	Números de catálogo:
Arte rupestre: <input type="checkbox"/> Pintura <input type="checkbox"/> Gravura <input type="checkbox"/> Ausente	
Artefatos líticos – Filiação cultural: Tradições:	Fases:
Complementos:	Outras atribuições:
Artefatos cerâmicos – Filiação cultural: Tradições:	Fases:
Complementos:	Outras atribuições:
Arte rupestre – Filiação cultural: Tradições:	Estilos:
Complementos:	Outras atribuições:
Datações absolutas:	
Datações relativas:	
Grau de integridade: <input type="checkbox"/> mais de 75% <input type="checkbox"/> entre 25 e 75% <input checked="" type="checkbox"/> menos de 25%	
Fatores de destruição: <input checked="" type="checkbox"/> Erosão eólica <input checked="" type="checkbox"/> Erosão pluvial <input type="checkbox"/> Construção de estradas <input type="checkbox"/> Vandalismo <input type="checkbox"/> Erosão fluvial <input type="checkbox"/> Atividades agrícolas <input type="checkbox"/> Construção de moradias	
Outros fatores naturais: <i>Forte movimentação de mar</i>	
Outros fatores antrópicos: <i>Atividades turísticas</i>	
Possibilidade de destruição: <i>Alta</i>	
Medidas para preservação: <i>lotastramento do sítio</i>	

Relevância do sítio: <input checked="" type="checkbox"/> Alta <input type="checkbox"/> Média <input type="checkbox"/> Baixa		
Atividades desenvolvidas no local: <input checked="" type="checkbox"/> Registro <input type="checkbox"/> Sondagem ou Corte Estratigráfico <input type="checkbox"/> Coleta de superfície <input type="checkbox"/> Escavação de grande superfície <input type="checkbox"/> Levantamento de gráficos rupestres		
Responsável pelo registro: Nome: <u>Francisca Regina Marques Passos</u>		
Endereço: <u>Av. Abdias Nunes, 642, Cristo Rei</u>	Cidade: <u>Ceresina</u>	UF: <u>PI</u>
CEP: <u>64015-300</u>	E-mail: <u>reginamarquespassos@hotmail.com</u>	Fone/Fax: <u>(86) 92435-6032</u>
Nome do projeto: <u>Arqueologia, História, Luta: Instrumentos, seus sítios arqueológicos, seus antepassados e sua terra!</u>		
Nome da instituição: <u>Universidade Federal do Piauí</u>		
Endereço: <u>Campus Universitário Rômulo Portela</u>	Cidade: <u>Ceresina</u>	UF: <u>PI</u>
CEP: <u>64044-550</u>	E-mail:	Fone/Fax: <u>3215-5525</u>
Documentação produzida: (quantidade)		
Mapa com sítio plotado: <input type="checkbox"/>	Croqui: <input type="checkbox"/>	Planta baixa do sítio: <input type="checkbox"/>
Planta baixa dos locais afetados: <input type="checkbox"/>	Planta baixa de estruturas: <input type="checkbox"/>	Perfil estratigráfico: <input type="checkbox"/>
Perfil topográfico: <input type="checkbox"/>	Foto aérea: <input type="checkbox"/>	Foto colorida: <input checked="" type="checkbox"/>
Foto preto e branco: <input type="checkbox"/>	Reprografia de imagem: <input type="checkbox"/>	Imagem de satélite: <input type="checkbox"/>
Cópia total de arte rupestre: <input type="checkbox"/>	Cópia parcial de arte rupestre: <input type="checkbox"/>	Ilustração do material: <input type="checkbox"/>
Cademeta de campo: <input checked="" type="checkbox"/>	Vídeo/filme: <input type="checkbox"/>	Outra: <input type="checkbox"/>
Quantidade de imagens anexadas à Ficha de Registro para inclusão no Banco de Imagens: <input type="checkbox"/>		
Bibliografia:		
Observações:		
Data: <u>01/04/2013</u> Assinatura: <u>Francisca Regina Marques Passos</u>		